



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Raphael Rocha de Almeida

**O ESTUDO DA VIOLÊNCIA NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA
ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E CONCEITUAL**

**VITÓRIA
2020**

Raphael Rocha de Almeida

**O ESTUDO DA VIOLÊNCIA NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA
ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E CONCEITUAL¹**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientador: Prof.º Dr.º Diego Zilio Alves.

¹ Trabalho financiado pela CAPES.

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R672e Rocha de Almeida, Raphael, 1993-
O estudo da violência na Análise do Comportamento :
Uma análise bibliográfica e conceitual / Raphael Rocha de
Almeida. - 2020.
98 f. : il.

Orientador: Diego Zilio Alves.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Análise do Comportamento. 2. Violência. 3. Coerção. 4.
Agressão. 5. Formas de Violência. 6. Pesquisa Conceitual. I.
Zilio Alves, Diego. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

Raphael Rocha de Almeida

**O ESTUDO DA VIOLÊNCIA NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UMA
ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E CONCEITUAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Leite Hunziker
Instituição: Universidade de São Paulo

Prof.^o Dr.^o Cesar Antonio Alves da Rocha
Instituição: Universidade de São Paulo

Prof.^o Dr.^o Diego Zilio Alves (Orientador)
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho teria sido impossível de ser escrito se não houvesse pessoas tão importantes e fundamentais na minha formação como ser humano. Portanto, aos primeiros que devo ser grato devem estar meus pais, Helio de Almeida e Naci Rocha de Almeida, eles que tanto se esforçaram para que eu chegasse a ser o ser humano produtivo e relevante que eles tanto almejavam que eu fosse como é bem meu objetivo. É a eles que essa obra é humildemente dedicada.

Não poderia esquecer-me daqueles que me abriram as portas para ser alguém bem educado formalmente como sou hoje. Sem eles minha trajetória teria sido muito diferente. Eles são Creuza Maria Guedes, Vanda Francisco da Penha e Vinicius Francisco Marchese. Sem eles eu não teria chegado onde cheguei também, por isso vocês sempre morarão no meu coração.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos feitos na UFES que tanto me deram bons conselhos e me orientaram em um caminho certo. Dentre essas pessoas estão Marcos Pacheco da Silva, com seus conselhos precisos, objetivos e esclarecedores, ele que me adotou e foi tão prestativo durante a Graduação e a Pós; Gustavo Manenti Lima, com seus conselhos inspiradores e Paulo Castelar Perim, com sua escuta atenciosa das minhas questões sobre a vida acadêmica, um verdadeiro amigo Agradeço ao pessoal da secretaria do PPGP, a Arin Bernades e Antônio Félix, por sempre terem sido prestativos e atenciosos às minhas dúvidas.

Agradeço à sabedoria de quem já passou pelo que passei, Maria Rita Sales, amiga feita durante a Pós. Você foi uma pessoa inspiradora para mim, por seu esforço e diligência.

Nunca me esquecerei daquela que foi tão importante na minha trajetória como pesquisador, desde o início do curso, e que me orientou em direção ao rigor e relevância da

Ciência: a Prof.^a Dr.^a Rosana Suemi Tokumaru. Sem a formação dada pela senhora durante a minha Iniciação Científica não teria sido capaz de chegar ao Mestrado.

Lembro e agradeço à Prof.^a Dr.^a Maria Helena Leite Hunziker, que deu um direcionamento importantíssimo a essa obra, como avaliadora desde a Qualificação. Sem o conselho dado pela senhora ela teria seguido um caminho muito diferente.

Estou em grande débito e agradecido por ter um orientador tão compreensivo, aberto, atencioso e eficaz quanto o Prof.^o Dr.^o Diego Zilio Alves. Sem a liberdade de criação que o senhor me proporcionou e imensa perspicácia para ver novos caminhos essa obra jamais teria chegado ao esquema que chegou. O senhor soube acolher e recompensar o esforço na construção dessa obra !

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pois é ela que fomenta o avanço científico nacional para aqueles que dela tem necessidade.

“Quanto à ciência, ela nada desdenha, acumula todas as observações, reúne e multiplica todas as forças intelectuais. Como as grandes religiões búdica e cristã, ela é igualitária, ela tem necessidade das multidões, ela tem necessidade de se chamar legião”.

(Jean-Marie Guyau)

RESUMO

Almeida, R. R. (2020). *O estudo da violência na Análise do Comportamento: Uma análise bibliográfica e conceitual*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

A violência é um fenômeno largamente deletério e onipresente na história da humanidade. Vista a necessidade de melhor precisar esse evento, o objetivo deste trabalho consistiu em analisar o uso do termo "violência" na literatura analítico-comportamental. Tendo em vista que o significado está no uso do termo, espera-se com isso encontrar indícios sobre o significado de "violência" enquanto categoria analítico-comportamental. Especificamente, buscamos localizar e descrever as categorias de pesquisa sobre violência em análise do comportamento; localizar e descrever os meios de publicação sobre violência em análise do comportamento; localizar e descrever as dimensões temáticas de estudo da violência na análise do comportamento; e localizar e descrever as principais categorias comportamentais associadas ao termo "violência". Violência ora aparece como sinônimo de agressão, ora como sinônimo de coerção. Por vezes, a topografia da resposta e o efeito danoso (físico) sobre o outro parecem ser os critérios definidores. Em outros casos, a função de fuga do comportar-se violento para o violentador é ressaltada. O seu papel como condição antecedente aversiva que desencadeia respostas de fuga e esquiva no violentado também apareceu como critério definidor. Por fim, especialmente em análises sociais e culturais, violência parece estar associado a uma condição macrossocial que desencadeia práticas culturais diversas e não necessariamente ao comportamento de um agente específico. Em suma, parece não haver uma definição universalmente compartilhada pelos analistas do comportamento no que tange ao termo violência. O trabalho encerra-se com reflexões sobre as diferentes características associadas à violência na literatura analítico-comportamental.

Palavras-chave: análise do comportamento, violência, coerção, agressão, formas de violência, pesquisa conceitual.

ABSTRACT

Almeida, R. R. (2020). *The study of violence in Behavior Analysis: A bibliographic and conceptual analysis*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Violence is a widely harmful phenomenon widespread along the history of humanity. Given the need to better understand this event, the goal of this work was to analyze the use of the term “violence” in behavior analysis literature. Since the meaning of a term is to be found in its use, we hoped to find aspects related to the meaning of “violence” as a behavior-analytic category thorough this endeavor. Specifically, we aimed to locate and describe the research categories about violence in behavior analysis literature; locate and describe the main behavior-analytical publications (journals, books) who published works on violence; locate and describe the thematic domains of violence studies in behavior analysis; and locate and describe the main behavioral categories associated with violence. Violence sometimes appears as synonym of aggression and sometimes as synonym of coercion. In some cases, the topography of response and the harmful effect (physical harm) on the subject seems to be the guiding criteria in defining violence. In other cases, the escape function to the perpetrator is taken as the criteria. Its role as aversive condition that leads to escape or avoidance pattern is also considered. Additionally, especially in cultural or social analyses, violence seems to be associated, not with the behavior of a particular agent, but with macrosocial conditions that engender a variety of cultural practices. In sum, it seems that a universally shared definition of violence is absent in behavior analysis literature. We end this work with some reflections on the different characteristics associated with violence in behavior analysis.

Keywords: behavior analysis, violence, coercion, aggression, forms of violence, conceptual research.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1. Distribuição dos textos entre fontes e categorias de pesquisa	26
Figura 1. Categorias de pesquisas e sua distribuição por década na seleção	28
Tabela 2. Dimensões temáticas de ocorrência do termo "violência" nos textos selecionados	
30	
Figura 2. Frequência das Definições Topográficas e Funcionais de Violência Distribuídas entre as Categorias de Pesquisa.....	35
Figura 3. Frequência das Formas de Violência Distribuídas entre as Categorias de Pesquisa	
.....	36

LISTA DE SIGLAS

ABPMC	Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental
A.C.	Acta Comportamentalia
AV	Atlas da Violência
B.P.	Behavior and Philosophy
B.S.I.	Behavior and Social Issues
C.G.	Sobre Comportamento e Cognição
E.J.B.A.	European Journal of Behavior Analysis
J.A.B.A.	Journal of Applied Behavior Analysis
P.B.S.	Perspectives on Behavior Science
R.B.A.C.	Revista Brasileira de Análise do Comportamento
R.B.T.C.C.	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
R.M.A.C.	Revista Mexicana de Análisis de La Conducta
T.B.A.T.	The Behavior Analyst Today
T.M.	Temas em Psicologia
T.P.R.	The Psychological Record
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

Introdução	12
Objetivos da pesquisa	19
Sobre os resultados	20
O estudo da violência na análise do comportamento: Uma análise bibliográfica e conceitual	20
Método.....	22
Distribuição dos textos entre as fontes consultadas e categorias de pesquisa	24
Dimensões temáticas	29
Significados de violência	33
Violência e agressão	37
Violência e coerção.....	40
Outras dimensões associadas a violência.....	43
Considerações Finais.....	45
Referências.....	51
Apêndice	66

Introdução

O *evento* nomeado violência é definido pela World Healthy Organization [WHO] (2008) como "o uso intencional da força física ou poder, ameaçador ou atual, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem alta possibilidade de resultar em injúria, morte, danos psicológicos, baixo desenvolvimento ou privação" (p. 4). Ou seja, é um evento que implica lesão e privação de liberdades substanciais (e.g., direito à alimentação, expressão, mobilidade) para que o violentador ocasione às vítimas privação do exercício de seus direitos, possibilitado pela diferença de poder entre as duas partes. Assim, por exemplo, segundo essa definição, se comete uma violência quando se ameaça uma mulher a manter um relacionamento abusivo; ou quando há a privação de nutrição, cuidados e educação a uma criança, por parte de seus cuidadores; ou ainda o genocídio de populações politicamente fragilizadas pode ser considerado um evento violento. Nota-se que a definição da WHO (2008) é funcionalmente ampla.

O comportamento violento acompanha a humanidade em várias épocas do seu desenvolvimento histórico, desde antes das formações do Estado, por meio da *guerra primitiva*, conflito entre estruturas sociais como *bandos*, *tribos* e *cacicados* (Keeley, 1996/2011) ². Populações humanas que estiveram em contextos civilizacionais similares ao Neolítico até a década de 1950, como a tribo dos mae-enga da Papua Nova-Guiné, mostraram alta taxa de mortalidade ocasionada por ataques constantes o ocasionava o extermínio de mais de 50% uma tribo daquela população. O mesmo ocorria entre os ianomâmis localizados na Floresta Amazônica venezuelana até a década de 1970. Tribos inteiras foram arrasadas e se os

² Salienta-se que a análise sobre o que é violência também ocorre sob o controle de variáveis históricas e culturais específicas. Ou seja, certos atos evidentemente violentos para os ocidentais (dada sua topografia, suas aparentes consequências, suas propriedades inerentes á agressão – como a assimetria de poder) não o seriam assim vistos por membros de outras culturas. Então, a partir de agora, se pontuará que os exemplos etnográficos e históricos considerados são violências dentro da perspectiva ocidental em que os autores desenvolveram-se e pensam. O viés cultural sobre a avaliação do que é uma violência não escapa, também, à atividade científica.

integrantes não sucumbiam à escravização (especialmente mulheres, pois meninos e idosos eram assassinados, tanto no caso dos mae-engas, quanto dos ianomâmis) eles puderam ser absorvidos como parte de tribos vizinhas. Keeley (1996/2011) fornece dados de populações que vão desde as práticas do escapelamento (retirada do couro cabeludo com objetos cortantes, após a morte do inimigo) de inimigos capturados pelos sioux norte-americanos até o canibalismo culinário (o ato de alimentar-se de carne humana ainda que existissem outros recursos alimentares abundantes, distinguindo-se do canibalismo famélico) presente entre certos povos dos arquipélagos da Oceania (os sioux cometiam canibalismo ritual, em cerimônias onde comiam partes como o coração dos capturados). Keeley (1996/2011) evidenciou que demograficamente, antes do papel coercivo dos Estados havia generalizada violência, de várias formas, por parte das populações não estatais. Paralelamente a Keeley, Chagnon (2013/2014) em sua pesquisa etnográfica com populações ianomâmis relata que para essa população semelhante à de caçadores-coletores, mas, sobretudo agrícola, a violência era cometida com finalidades reprodutivas, pois as lutas entre aldeias calcavam-se na possibilidade de adquirir mulheres em idade fértil. Assim, os *unokais*, os matadores de homens na língua ianomâmi, tinham taxa reprodutiva acima dos não-*unokais* e mais mulheres, já que sua reputação permitia concentrar mais recursos para terem vantagem reprodutiva. Sugere-se que isso tenha ocorrido para várias outras populações, como salientado pelo registro arqueológico (Chagnon, 2013/2014). Violência contra mulheres, entre os ianomâmis, eram flagrantes: espancamentos, estupros coletivos, mutilações e assassinatos (especificamente das mais idosas) não eram exceção, mas formas correntes e cotidianas de violência. O infanticídio também era cometido por parte das mulheres em conversação com seus maridos (ou não), como forma de controle para não excederem o número de filhos passíveis de serem bem alimentados, especialmente após uma gravidez muito próxima de um bebê com um ano ou menos de idade.

O comportamento violento, independente da extensão, vítimas, e por que era cometido jamais cessou de ser praticado extensivamente entre variados povos e grupos, indo desde épocas similares ao Neolítico até a contemporaneidade (Pinker, 2011/2013). Em países ocidentais como a Inglaterra do século XIV a taxa de homicídios era de 100 a cada 100 mil habitantes, na região de Oxford enquanto Londres estava com uma taxa de 50 por 100 mil habitantes (Ferguson, 2011/2017). Taxas tão altas só tem similaridade, no mundo contemporâneo, em países como África do Sul (69 a cada 100 mil pessoas), Colômbia (53 a cada 100 mil) e Jamaica (34 a cada 100 mil). Mas esses países não se igualaram às taxas de homicídio presentes em Oxford e Londres, mesmo que em 1300 a taxa de homicídios estivesse decaindo. De fato, Norberg (2016/2017) cita que desde o ano de 1200 até a 2000, totalizando 800 anos, a taxa de homicídios na Europa caiu mais de 30% para próximo de 0%. Isso vai ao encontro com os dados apresentados por Elias (1939/1994) ao discernir que concomitante, ao avanço do Estado em fins da Idade Média, a população como um todo, mas especificamente os aristocratas, aprenderam geracionalmente a adotarem comportamentos mais prudentes, *contidos*, *racionalizados* e voltados para refletir sobre o que seu interlocutor possa pensar acerca da situação do que agir *impulsivamente*. Os nobres medievais poderiam quebrar o nariz de suas esposas na frente de seus convivas em um banquete, mas o mesmo grupo social não agiria mais assim diante de um banquete no século XVIII. Em outro aspecto da vida familiar Guyau (1886/2014) relata que já no século XIX os pais não agiam mais como chefes autoritários que exigiam obediência, mas como pais amorosos que eram respeitados por sua consideração para com a família.

Apesar do processo de pacificação dos costumes da Europa tenha sido constante em todo o tempo ele não significou que todos os europeus tenham se tornado mais pacíficos em sua conduta. O primeiro genocídio do século XX se deu numa colônia alemã do sudoeste africano, a atual Namíbia, iniciado em 1904. Sob orientação imperial os povos herero e nama

foram massacrados: os hereros passaram de uma população de 80 mil para 15 mil e os namas de 20 mil para menos de 10 mil. Uma queda de 65 mil e de por volta de 11 mil, respectivamente, ao longo das duas primeiras décadas do século XX (Ferguson, 2011/2017). A ideologia racista que permitiu tal genocídio não acabou com a Primeira Guerra Mundial, mas se estendeu para a Segunda, como notou Black (2003/2003), ao relatar as consequências da pseudociência eugenista levada ao extremo na Alemanha. Nos Estados Unidos, por toda a primeira metade do século XX as esterilizações forçadas foram adotadas por vários estados americanos, de grupos declarados "retardados" (*morons*) por testes cognitivos enviesados. Já na Alemanha, os judeus foram o grupo mais visado pelo governo Nacional-Socialista alemão, confinados em campos de concentração, como objetivo de aumentar a matança.

O esforço para vencer a Segunda Guerra Mundial não eliminou a perseguição a judeus e a outros grupos, que até mesmo aumentou no pós-guerra imediato, ocasionado pelo vácuo estatal com o colapso dos Estados e da Economia: aristocratas franceses foram torturados por semanas antes de serem assassinados e o mesmo ocorreu com os italianos; judeus ainda eram mortos, mas pelos poloneses, acelerando sua saída da Europa; guerras étnicas entre poloneses e ucranianos, promovidas pelas elites nacional-socialista; a limpeza étnica na Iugoslávia entre croatas e sérvios ainda permanecia; a disputa por territórios entre os partidos gregos de esquerda e de direita estava acirrada. Somente a intervenção externa soviética e norte-americana mitigou tais conflitos (Lowe, 2012/2017).

Apesar das duas guerras mundiais, salienta-se que a violência generalizada em formas desde agressões contra mulheres, agressões contra homossexuais, guerras e genocídios, ataques raciais (como linchamentos perpetrados na região do Sul dos Estados Unidos da América), estão em declínio globalmente, com o continente europeu liderando a queda nas violências supracitadas, mas acompanhada das demais regiões no mundo (Pinker, 2011/2013). Pinker (2011/2013) argumenta que a partir do fim da Segunda Guerra Mundial iniciou-se o

período que ele chama de Longa Paz de 70 anos, que não foi verificada em nenhuma outra época histórica, dada a ubiquidade e alta frequência das guerras entre grandes Estados. Houve guerras, no entanto, elas foram periféricas e de menor duração, o que significa que qualitativamente até mesmo o alcance das guerras foi subtraído. Relativamente (comparando o tamanho das populações totais atuais com as de outrora sobre a taxa de homicídios) é menos possível morrer violentamente no mundo contemporâneo corrente que em todas as épocas anteriores.

Outros países ainda têm taxas de homicídio altas, especialmente o Brasil, seguindo a mesma tendência de países latino-americanos - a taxa de homicídios para as "Américas" (do Norte, Central e Caribe e do Sul) entre 2000 e 2013 foi de 16 por 100 mil habitantes, segundo o Atlas da Violência 2018 [AV] (2018). Em comparação, no mesmo período, a Europa teve sua taxa de homicídios por 100 mil habitantes estabelecida em 1 (um). África e Ásia tiveram, respectivamente, taxas de 9,9 e 2, em comparação com taxa mundial de 8. Pelo mesmo período, o Brasil apresentou uma taxa de homicídios de 28,6 por 100 mil habitantes, conseguindo o quinto lugar como país mais violento do mundo, estando abaixo de outros países americanos, respectivamente da primeira à quarta posição: Belize (33,2), El Salvador (34,4), Bahamas (34,2) e Colômbia (31,7).

Os estados brasileiros não obtiveram desempenhos homogêneos entre si - seja na redução ou aumento dos crimes violentos. A Paraíba, com o programa "Paraíba pela Paz" e o estado do Espírito Santo, com o programa "Estado Presente", passaram respectivamente da terceira e da segunda unidades da federação mais violentos para a décima oitava posição e décima nona, de 2011 até 2016. Somente o estado de São Paulo alcançou uma redução nos níveis de violência superiores ao Espírito Santo. Nos três estados se segue que o papel coercitivo do poder estadual em policiar por mais tempo e com mais efetivo policial as áreas mais violentas foi efetivo em mitigar atos violentos (AV, 2018), o que está de acordo com

Pinker (2011/2013), ao relatar que a queda nos índices de crimes em regiões marginalizadas nos Estados Unidos se deu por melhor policiamento das ruas.

A apresentação sobre o panorama da violência não pode ser pensado sem se atentar para os efeitos deletérios da mesma ao fazer com que a estrutura econômica de uma sociedade retraía e perca a possibilidade de fornecer boa qualidade de vida para seus integrantes. É o que Ríos (2016) evidenciou ao notar que o aumento de 9,8% na prevalência de organizações criminosas é suficiente para eliminar um setor econômico. A mesma autora salienta que o incremento de 22,5% na taxa de homicídios pode ser capaz de reduzir em 1% o número de diferentes setores na em uma circunscrita região. Especialmente, a violência acomete os setores de comércio informal; as mulheres; firmas de pequeno porte e jovens; áreas urbanas pequenas; firmas com insumos que são, sobretudo importados e indústrias não extrativas (Ríos, 2016). Se uma economia se retraiu, pode-se pensar que se tolhe a possibilidade de exercer os direitos que significam liberdade para uma população - é o que Sen (1999/2010) salienta: o desenvolvimento econômico tolhido acaba por diminuir as possibilidades de modos de vida diversificados e individuais. Portanto, a baixa diversificação econômica, de acordo com a definição de violência da WHO (2008) anteriormente apresentada, pode ser considerada uma forma de violência indiretamente decorrente de uma violência mais tangível que seja o número de assassinatos em uma região pobre.

Assim como a violência acarreta a pauperização da sociedade ela tem por efeito fomentar a ocorrência de transtornos psicológicos na população à qual é cronicamente vítima desta. Ribeiro et. al (2013) apresentaram a prevalência de transtornos psiquiátricos decorrentes dos contextos violentos nas duas maiores cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo. Entre os transtornos evidenciados estiveram: *transtorno do pânico*, na amostra do Rio de Janeiro dado por 1% da amostra (menos prevalente em São Paulo com 0,1%); *ansiedade*, mais prevalente nas mulheres de São Paulo, com 39,1%, à diferença de 27,7% das mulheres

do Rio de Janeiro, e proporções similares entre os homens das duas cidades (respectivamente 18,9% e 18%); *depressão maior*, mais prevalente entre mulheres de ambas as cidades: Rio com 24,2% e São Paulo com 22,5% para mulheres e 11,6% e 10,8%, respectivamente, para homens; *dependência de álcool*, mais prevalente entre homens de ambas as cidades: Rio com 14,9% e São Paulo com 13,6% e para mulheres entre 5,2% e 4,2%, respectivamente. Outros transtornos também foram relatados como transtorno do estresse pós-traumático, disritmia, fobia específica, fobia social, agorafobia e transtorno obsessivo-compulsivo. Os autores salientam que a suscetibilidade de ter algum desses transtornos por mais de um ano é relacionada a viver em contextos cronicamente violentos, como corroborado pela evidência da mesma pesquisa que menor escolaridade correlacionou positivamente com alta prevalência de desordens relatadas ao álcool, fobia específica, agorafobia e transtorno do estresse pós-traumático.

Atos de violência podem ser cometidos de várias formas (topografias), por razões variadas (funções), e devido a fatores distintos (contextos). Por essa razão, é tarefa difícil imaginar uma definição que englobe toda e qualquer situação “violenta”, que traga um elemento consensual presente em todos os casos assim qualificados (Crettiez, 2008/2011). No entanto, o breve panorama acerca da presença da violência nas sociedades hodiernas, e sua associação a sérios problemas *sociais, econômicos e psicológicos*, evidencia a necessidade de melhor compreendê-la. Refletir sobre a própria definição do comportar-se violento é o objetivo central deste trabalho. Como todo trabalho resulta de um recorte metodológico, haja vista a impossibilidade de esgotar tudo o que se pode saber sobre um assunto (nesse caso, violência), nesta pesquisa focaremos especificamente a literatura de análise do comportamento define “violência”.

A análise do comportamento também tem contribuições na compreensão sobre esse evento. Atos violentos foram discutidos por autores como Sidman (1989/2009) e tratados em

suas constituições macrossociais por autores como Mattaini (1996, 2003a, 2003b, 2013); em adição foram realizadas pesquisas empíricas sobre os efeitos da violência em contextos sociais precários dentro do Brasil (Lacerda & Costa, 2013; Gomes & Costa, 2014; Callou, Bastos, Moreira & Souza, 2016). Alicerçada por uma compreensão contingencial e não mentalista dos processos psicológicos (Zilio & Carrara, 2008), o que a torna uma corrente idiossincrática diante da psicologia como área geral (Schlinger, 2018), cabe avaliar como essa forma de abordar os processos psicológicos trata da violência.

Objetivos da pesquisa

Considerando o que foi exposto até o momento, o presente trabalho possui como objetivo geral analisar a literatura analítico-comportamental em que há o uso do termo "violência". Tendo em vista que o significado está no uso do termo (ver seção seguinte), espera-se com isso encontrar indícios sobre o significado de "violência" na literatura analítico-comportamental.

A análise dos textos selecionados foi norteadada pelos seguintes objetivos específicos: (a) localizar e descrever as categorias de pesquisa sobre violência em análise do comportamento; (b) localizar e descrever os meios de publicação sobre violência em análise do comportamento; (c) localizar e descrever as dimensões temáticas de estudo da violência na análise do comportamento; (d) localizar e descrever as principais categorias comportamentais associadas ao termo "violência". Com isso espera-se chegar a um panorama do que foi produzido sobre o tema em análise do comportamento.

As diretrizes estabelecidas para a descrição da presente seleção seguem as recomendações expressas por Abib (1994) necessárias na abordagem dos problemas conceituais. A descrição está de acordo aos contextos de pesquisa em que estes foram

publicados, o que explica a necessidade de categorizar os meios de publicação e as categorias às quais o estudo da violência recaiu.

Sobre os resultados

Os resultados da presente pesquisa serão apresentados a seguir. Pode-se considerar o restante da presente dissertação como um manuscrito que será submetido para avaliação a um periódico de análise do comportamento, salvo as especificidades de formatação, que serão adequadas em função das normas próprias do periódico.

O estudo da violência na análise do comportamento: Uma análise bibliográfica e conceitual

O *comportamento* denominado violência é definido pela World Health Organization [WHO] (2008) como "o uso intencional da força física ou poder, ameaçador ou atual, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem alta possibilidade de resultar em injúria, morte, danos psicológicos, baixo desenvolvimento ou privação" (p. 4). Ou seja, é um evento que implica lesão e privação de liberdades substanciais (e.g., direito à alimentação, expressão, mobilidade) para que o violentador ocasione às vítimas privação do exercício de seus direitos, possibilitado pela diferença de poder entre as duas partes. Assim, por exemplo, segundo essa definição, se comete uma violência quando se ameaça uma mulher a manter um relacionamento abusivo; quando há a privação de nutrição, cuidados e educação a uma criança, por parte de seus cuidadores; ou ainda o genocídio de populações politicamente fragilizadas pode ser considerado um evento violento. Nota-se que a definição da WHO (2008) é funcionalmente ampla.

A violência é ubíqua a grande maioria das sociedades humanas (Keeley, 1996/2011; Pinker, 2011/2013) e engendra vários comportamentos deletérios, assim como se associa à alta prevalência de transtornos mentais em populações a ela exposta, como a brasileira das metrópoles de Rio de Janeiro e São Paulo (Ribeiro et. al, 2013). A população brasileira, especialmente, é uma das mais expostas a variados tipos de violências de alto potencial ofensivo (homicídios, estupros, lesões graves, etc.), como exposto nos índices de violência compilados anualmente no Atlas da Violência [AV] (2018, 2019).

Atos de violência podem ser cometidos de várias formas e meios e por isso é pensada a dificuldade de caracterizá-los como parte de uma única classe de comportamentos (Crettiez, 2008/2011). A definição da WHO (2008) é ampla o suficiente para abarcar várias ações violentas, mas carece de brevidade e facilidade em ser operacionalizável. Seria diferente com a análise do comportamento?

A análise do comportamento também tem contribuições na compreensão sobre esse evento. Atos violentos foram discutidos por autores como Sidman (1989/2009) e tratados em suas constituições macrossociais por autores como Mattaini (1996, 2003a, 2003b, 2013), em adição, foram realizadas pesquisas empíricas sobre os efeitos da violência em contextos sociais precários dentro do Brasil (Lacerda & Costa, 2013; Gomes & Costa, 2014; Callou, Bastos, Moreira & Souza, 2016). Alicerçada por uma compreensão contingencial e não mentalista dos processos psicológicos (Zilio & Carrara, 2008), o que a torna uma corrente idiossincrática diante da psicologia como área geral (Schlinger, 2018), cabe avaliar como essa forma de abordar os processos psicológicos trata da violência.

Método

Foram selecionados 16 periódicos que possuem políticas editoriais comprometidas com a análise do comportamento:

1. Acta Comportamentalia;
2. Behavior Analysis and Social Action;
3. Behavior and Philosophy;
4. Behavior and Social Issues;
5. Behaviorists for Social Action Journal;
6. European Journal of Behavior Analysis;
7. Journal of the Experimental Analysis of Behavior;
8. Journal of Applied Analysis of Behavior;
9. Perspectives on Behavior Science;
10. The Analysis of Verbal Behavior;
11. The Behavior Analyst Today;
12. The Psychological Record;
13. Revista Mexicana de Análisis de la Conducta;
14. Perspectivas em Análise do Comportamento;
15. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva;
16. Revista Brasileira de Análise do Comportamento.

Os textos foram resgatados diretamente dos mecanismos de busca dos periódicos em seus respectivos sites. Objetivou-se a seleção de textos produzidos nas seguintes línguas: inglês; português e espanhol. Não foi utilizado o critério de período de tempo. Em adição, visando complementar a análise feita a partir dos periódicos selecionados, outras duas fontes foram utilizadas. A primeira consistiu na base de dados SciELO. A segunda consistiu na série

de livros *Sobre Comportamento e Cognição*, devido à sua relevância como meio de publicação de literatura da área em português a década de 1990, ao publicar pesquisas em análise do comportamento veiculadas aos encontros anuais da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC).

Em todos os periódicos a busca foi feita pelo uso do indexador "violência", quando se tratava de periódicos em língua portuguesa; "violence", quando se tratavam de periódicos em língua inglesa; e "violencia", quando se tratavam de periódicos em língua espanhola. Na base de dados SciELO a busca foi feita com os indexadores "behaviorismo", "análise do comportamento" e "violência" em conjunto. Todos os artigos que continham as palavras-chave em seus títulos, resumos ou corpo de texto foram selecionados. Em relação à coleção *Sobre Comportamento e Cognição* o indexador utilizado na busca foi "violência". Todos os capítulos que continham a palavras-chave em seus títulos, resumos ou corpo de texto foram selecionados.

Visando delimitar a seleção do material diante de nosso objetivo de pesquisa, procedemos à leitura inicial do material selecionado pelo critério de palavras-chave para, então, selecionar apenas aqueles artigos e capítulos cujo objetivo primário era o estudo da violência. Um texto que apresentasse, por exemplo, o termo "violência" no título de uma referência usada, mas que não tinha "violência" como tema central foi excluído.

Encerrado o levantamento, procedeu-se a análise. A primeira etapa consistiu em selecionar e agrupar em tabelas todas as passagens que continham o termo "violência". As tabelas produzidas focaram aspectos como objetivos da pesquisa e categorização do violentador/violentado; definições de violência; dimensões temáticas associadas à violência; topografias e funções dos comportamentos violentos; categorias de pesquisa da violência. As tabelas estão disponíveis integralmente no Apêndice deste trabalho. Após essa organização

dos dados, realizamos a análise quantitativa e reflexões qualitativas acerca dos mesmos, cujo produto será apresentado nas seções seguintes.

Distribuição dos textos entre as fontes consultadas e categorias de pesquisa

A partir dos critérios descritos na seção de método obtivemos um total de 61 textos que serviram de base à nossa pesquisa sobre o termo violência. Esses textos estão marcados com asteriscos na seção de referências bibliográficas do presente trabalho. Alguns periódicos contribuíram com mais artigos em comparação a outros, como, por exemplo, *The Psychological Record*, com treze textos, enquanto *Behavior and Philosophy*, *Revista Mexicana de Análisis de La Conducta*, *Temas em Psicologia* e *The Behavior Analyst Today*, contribuíram com um texto cada para a seleção definitiva de 61 textos totais.

Em adição, foi feita a identificação das categorias de pesquisa sobre violência. Quatro categorias de pesquisa foram delineadas: (a) empírica experimental, (b) empírica não experimental, (c) aplicada, e (d) interpretativa. Cada categoria está dentro de três grandes ramos de atuação da Análise do Comportamento: a pesquisa aplicada, a experimental (da qual, em sua extensão, estão as pesquisas empíricas não experimentais e experimentais) e a conceitual/filosófica (Tourinho, 1999; Zilio, 2019).

Um estudo da categoria *empírica experimental* envolve o controle e manipulação sobre a variável independente e a avaliação do seu efeito na variável dependente. Tal recorte e manipulação de variáveis devem ser feito em condições ambientais controladas (Creswell, 2010). Um exemplo dessa categoria de pesquisa é dado por Harlow (1937) que estudou o condicionamento de medo em macacos restritos fisicamente, a partir de um pequeno instrumento que lançava um parafuso em sua direção (estímulo incondicional) pareado ao

toque de um sino (estímulo neutro) para que o segundo se tornasse estímulo condicional em relação às respostas de medo, antes eliciada somente pelo estímulo incondicional.

A segunda categoria tratou dos estudos *empíricos não experimentais*, em que há coletas de dados empíricos, mas não por meio de pesquisa com delineamento experimental e manipulação direta de variáveis. Usualmente são pesquisas amparadas por análises estatísticas correlacionais, levantamentos demográficos e também estudos via uso de entrevistas não estruturadas, como ocorreu com as mulheres vítimas de maridos ciumentos, entrevistadas por Lacerda e Costa (2013).

A distinção da pesquisa *interpretativa* esta no fato de que esta interpreta um evento comportamental a partir de conceitos e princípios básicos da análise do comportamento (estes sim forjados experimentalmente), buscando compreender quais são as suas possíveis variáveis controladoras, mas sem ter o controle ou manipulação de variáveis independentes em condições controladas (Donahoe, 2004; Palmer, 2011). Ruiz (2009) é um exemplo de pesquisa que utilizou princípios da análise do comportamento para interpretar um evento psicológico: a autora salientou que os efeitos cumulativos e extensíveis no tempo das relações abusivas, em que mulheres agredidas e abusadas cronicamente estão impedidas de exercerem seus próprios interesses, podem ser usados como um paradigma oposto à tese segundo a qual somente o efeito imediato de agressões deveria ser considerado como passíveis de punição. Ao contrário, de acordo com a autora os efeitos das punições são acumulados e estendidos, o que caracteriza, por exemplo, o assassinato de um abusador, por sua companheira, como uma forma de *resistência* (legítima defesa) em relação a um longo período anterior de abuso - apesar de nenhum ato agressivo tangível por parte do abusador tenha sido cometido imediatamente antes do seu homicídio. Ruiz (2009) apresenta uma perspectiva *molar* antagônica à concepção padrão *molecular* sobre os comportamentos humanos (Baum, 2005/2006).

Os estudos *aplicados* são distintos das outras duas pela aplicação de intervenções que objetivam a mudança de comportamento a partir de demandas socialmente relevantes (Baer, Wolf & Risley, 1968; Critchfield & Reed, 2017). Nessa categoria entra desde os relatos clínicos, como o esvanecimento de uma fobia generalizada por ambientes que não sejam os ambientes domésticos, decorrente da violência urbana (Balvedi, 2004), passando pelas intervenções visando diminuição de frequência de comportamentos agressivos e violentos em crianças (Prada & Williams, 2007), até as medidas de seleção de comportamentos não agressivos em crianças de um abrigo infantil (Prada & Williamns, 2007). A categoria aplicada envolve sempre estudos empíricos: as intervenções são feitas para alterar comportamentos. É o objetivo da alteração comportamental que marca a distinção dos estudos aplicados dos empíricos experimentais e não experimentais: a intervenção aplicada ocorre sempre em função de uma demanda ou necessidade de uma pessoa, população ou instituição. A *empiricidade* dos estudos aplicados também é utilizada para distingui-la de estudos que propõem intervenções, mas não as aplicaram: o estudo de Mayer (1995), por exemplo, apresenta uma proposta de redução da violência nas escolas norte-americanas, mas não é o relato de uma intervenção já feita, foi categorizado como interpretativo. A Tabela 1 sumariza estes dados.

Tabela 1. Distribuição dos textos entre fontes e categorias de pesquisa

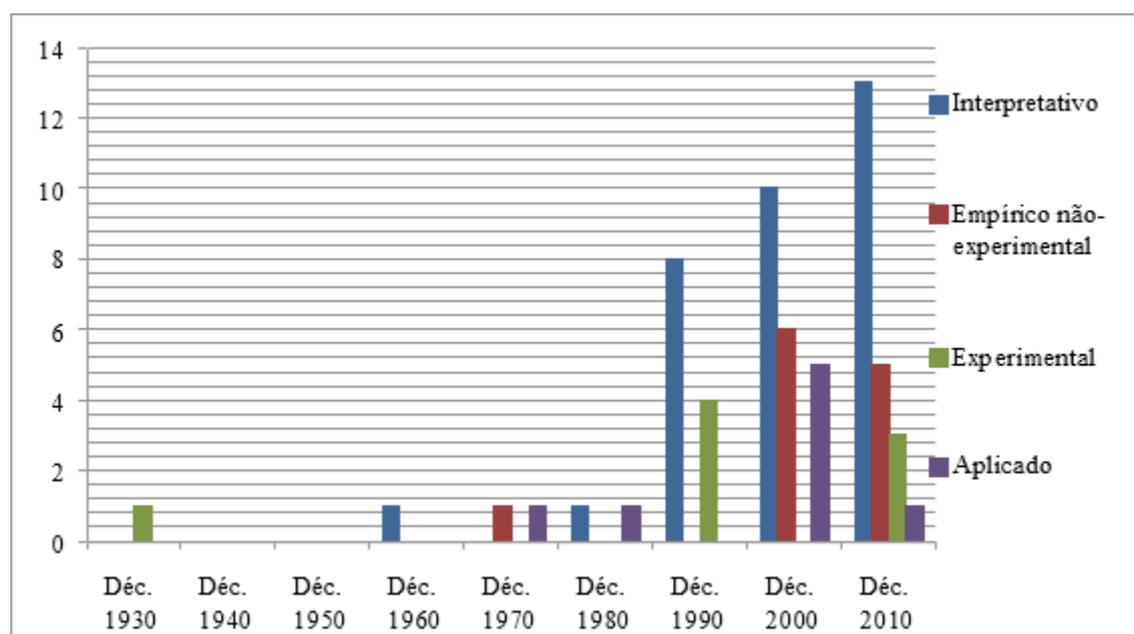
Fonte	Empírica Experimental	Empírica não-Experimental	Aplicada	Interpretativa	Total
<i>T.P.R.</i>	6	3	1	3	13
<i>B.S.I.</i>	-	3	-	8	11
<i>C.G.</i>	-	2	3	6	11
<i>P.B.S.</i>	1	-	1	5	7
<i>R.B.T.C.C.</i>	-	1	2	1	4
<i>J.A.B.A.</i>	-	-	-	3	3
<i>E.J.B.A.</i>	-	1	-	2	3
<i>A.C.</i>	-	2	-	1	3
<i>R.B.A.C.</i>	-	-	-	2	2
<i>R.M.A.C.</i>	1	-	-	-	1

<i>T.M.</i>	-	-	-	1	1
<i>T.B.A.T.</i>	-	-	1	-	1
<i>B.P.</i>	-	-	-	1	1
Total	8	12	8	33	61

Três foram as fontes que mais contribuíram com a seleção, sendo elas The Psychological Record (T.P.R.), Behavior and Social Issues (B.S.I.) e a série de livros "Sobre Comportamento e Cognição" (C.G.). Os dois últimos apresentaram as maiores frequências de estudos interpretativos, ao lado do Perspectives on Behavior Science (P.B.S.). Já os estudos experimentais foram mais frequentes no The Psychological Record, enquanto Perspectives on Behavior Science e a Revista Mexicana de Análisis de La Conducta (R.M.A.C.) contribuíram, respectivamente, com um único texto. Os estudos efetivamente aplicados estiveram mais frequentes entre pesquisadores brasileiros, publicados em "Sobre Comportamento e Cognição" e na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (R.B.T.C.C.). Quanto à proporção das categorias na seleção, a pesquisa interpretativa corresponde a 54,09% do total (com 33 textos). Em segundo lugar está a categoria empírica não experimental, responsável por 19,67% da seleção (com doze textos). As categorias aplicada e empírica experimental ficaram ambas com a terceira posição com oito textos cada e 13,11% do total.

A distribuição por décadas é apresentada na Figura 1. A partir dela podemos sugerir que houve, talvez, o aumento do interesse dos analistas do comportamento pelo tema violência ao longo das décadas.

Figura 1. Categorias de pesquisas e sua distribuição por década na seleção



A partir da década de 1930 (até 1939) surge a primeira pesquisa, do tipo experimental, com uma pesquisa de 1937 (Harlow, 1937). Cabe ressaltar que 1937 é o ano de publicação do primeiro volume do jornal mais antigo consultado (The Psychological Record). Dessa forma, a década de 1930 abrange somente os anos de 1937 a 1939. As duas décadas subsequentes (1940-1949, 1950-1959) não apresentam nenhuma pesquisa que se enquadrou nos nossos critérios de seleção. A década de 1960 apresentou somente um texto da categoria interpretativa (Kahn & Kirk, 1968). A distribuição passa a aumentar nas décadas de 1970 e 1980, com dois textos cada, mas somente a partir da década de 1990 verifica-se um incremento considerável do tema violência nos periódicos que serviram de fonte. A década de 1990 apresentou oito textos da categoria interpretativa e quatro da experimental. Já a partir dos anos 2000 se verifica o aumento da frequência das pesquisas em categorias empírica não-experimental e aplicada (com decréscimo nos anos 2010), além do contínuo avanço das pesquisas interpretativas e retorno da pesquisa experimental. A década de 2010 se encerra em fevereiro de 2018 para a atual pesquisa, quando foi feita a pesquisa bibliográfica. Nessa

década se verificou-se um aumento considerável da categoria interpretativa, com treze textos, a despeito da leve queda das categorias empírico experimental e empírico não-experimental. A categoria que mais decaiu com a mudança de década foi a aplicada, retornando a um patamar só visto nas décadas de 1970 e 1980 (um único texto).

Dimensões temáticas

As dimensões temáticas de ocorrência do termo "violência" nos trabalhos foram delineadas na tentativa de tipificar o que cada texto descrevia como contextos da ocorrência de diversas formas de violência, como por exemplo, estupros, massacres, agressões físicas em geral, negligências e explorações sociais. Deve-se salientar que as dimensões não caracterizarão comportamentos, mas, sobretudo *contextos de ocorrência e vítimas das violências* explicitamente catalogadas nos textos (mulheres, crianças, pacientes psiquiátricos, alunos/professores, etc.). Contexto e vítimas, portanto, foram os únicos critérios inequívocos para delimitar as dimensões temáticas supracitadas. Essa tipificação pode contribuir para o esclarecimento sobre o que os analistas do comportamento pesquisam quando se referem ao comportamento violento em relação aos seus múltiplos contextos e não tem pretensões de esgotar todos os significados possíveis atribuídos ao termo "violência" e nem os contextos possíveis de sua ocorrência. Em adendo, como a tipificação foi realizada a partir do conteúdo dos textos consultados é provável que exista certa sobreposição entre as dimensões elencadas (por exemplo, violência contra a mulher e a violência sexual). A Tabela 2 apresenta tais dados.

Tabela 2. Dimensões temáticas de ocorrência do termo "violência" nos textos selecionados

Dimensões temáticas	Frequência
<i>Contra a mulher</i>	14
<i>Experimental</i>	9
<i>Coletiva</i>	8
<i>Infantil</i>	5
<i>Urbana</i>	5
<i>Sexual</i>	4
<i>Escolar</i>	3
<i>Interpessoal não específica</i>	3
<i>Midiatizada</i>	3
<i>Racial</i>	3
<i>Armas de Fogo</i>	1
<i>Homofóbica</i>	1
<i>Psiquiátrica</i>	1
<i>Trânsito</i>	1
Total	61

A dimensão violência contra as mulheres comportou 22,95% da seleção. Nela estão textos que relatam violências cometidas especialmente contra mulheres, sobretudo por parceiro íntimo (Callou, Bastos, Moreira & Souza, 2016; Gomes & Costa, 2014; Murrell, Christoff & Henning, 2005). Já a violência experimental, na segunda posição responsável por 14,75% da amostra, se delimita pela descrição de experimentos feitos com animais humanos e não humanos em contextos laboratoriais. Na terceira posição com 13,11% a violência coletiva se define pelos atos cometidos entre grupos sociais, ou seja, entre pessoas se comportando em grupo. Nela se enquadram atos macrossociais como lutas de gangues, terrorismo, guerras e a exploração capitalista dos mais necessitados (Mattaini, 2003, 2013). O quarto lugar foi ocupado pelas violências infantil e urbana, com 8,91% da amostra. A violência infantil é aquela cometida diretamente contra crianças e entre as próprias crianças. Nela estão incluídas, por exemplo, descrições amplas e genéricas de que tipos de violências crianças podem sofrer em custódia de cuidadores negligentes (Silvares, 2004) até as agressões físicas cometidas

especificamente contra duas crianças adotadas (Valentim & Valle, 2004). A violência urbana foi caracterizada por crimes cometidos em centros urbanos, contextos de grande aglomeração humana, como delineados pelos autores presentes na seleção. Dentro dessa dimensão podem ser exemplificados assaltos à mão armada, furtos, e danos às propriedades (Namo & Banaco, 1999).

A violência sexual esteve presente em quinto lugar, com 6,55% da seleção. Nela estiveram todos os textos que dissertavam diretamente e unicamente sobre a caracterização da violência sexual (estupro e assalto sexual), incluindo discussões sobre as topografias possíveis, tipos de vítimas, se a penetração de objetos e órgãos sexuais de vias não somente vaginais, mas também orais e anais, poderiam ser considerados como estupros (Sasson & Paul, 2014). Violência sexual não acontece somente com mulheres, mas dentro de famílias ela pode atingir desde as esposas até as crianças de ambos os sexos (Nietzel & Himelein, 1987).

As dimensões que compartilham o sexto lugar foram a escolar, interpessoal não específica, midiaticizada e racial, com 4,91% da amostra cada uma (totalizando 19,67% da seleção). A dimensão escolar da violência se refere a atos cometidos dentro do ambiente escolar, especialmente acometendo alunos (Mayer, 1995), mas, também, os docentes (Pereira & Gioia, 2010). As violências do tipo interpessoal foram aquelas parcamente descritas nos textos encontrados. Não era possível distinguir o que era (1) contexto e o (2) objeto primário de violência dado que os textos não especificaram explicitamente tais informações. Assim, por exemplo, se enquadram nessa categoria o texto de Valentim (2005), que é um apelo aos analistas comportamentais a enquadrarem a violência em seu rol de temas para pesquisa, Neto, Alves e Baptista (2007), que descrevem a violência acometendo vários estratos sociais brasileiros, mas sem posicionar em qual deles se enquadra o evento violento que descrevem. A violência midiaticizada, por sua vez, se circunscreve àqueles textos que se referiam à

violência expressa em mídias, jornalística (Amorim, 1999) ou televisiva (Holth, 2010). A violência racial esteve em estudos que descreviam atos violentos cometidos contra grupos desfavorecidos e vitimados exclusivamente por sua etnia diferente da dominante. Assim foram em estudos com aborígenes australianos da *Stolen Generation* (Fromene & Guerin, 2014; Fromene, Guerin & Krieg, 2014) ou com o massacre de judeus asquenazes pelo Batalhão Nacional-Socialista Reformado 101 durante a Segunda Guerra Mundial (Navarick, 2012).

As dimensões que ocupam o sétimo lugar foram as violências com armas de fogo, homofóbicas, psiquiátricas e cometidas no trânsito, com 1,6% cada (totalizando 6,5% da seleção). Mattaini (2012) dissertou sobre o uso de armas de fogo nos Estados Unidos da América. Como essa dimensão é ampla o suficiente para englobar atos cometidos entre pessoas e grupos e ela acomete especialmente uma alta parcela da população norte-americana se optou por alocá-la em uma dimensão em separado. A violência homofóbica, como entendida por Fazzano e Gallo (2015), acomete homossexuais masculinos e femininos (embora também ocorra contra heterossexuais classificados como homossexuais por seus agressores) pela exclusividade de sua orientação sexual. A violência psiquiátrica, como descrita por Edwards (1974), estabelece as violências cometidas pela instituição psiquiátrica contra seus pacientes assim como insere os atos lesivos cometidos por pacientes agressivos, especialmente com o estudo de caso presente em que um paciente esquizofrênico sofreu eletrochoques e contenção física gradualmente retirada à medida que mitigava seu comportamento agressivo. Já a violência no trânsito Mestre et al. (2004) descreveram atos infracionais (atropelamentos, batidas, etc.) cometidos na direção de automóveis.

Transtornos mentais também estiveram presentes entre as dimensões, especificamente o caso do paciente com esquizofrenia maior descrito por Edwards (1974). Tal foi o caso, também, de pesquisas como a da dimensão experimental com pessoas diagnosticadas com

Transtorno da Personalidade Antissocial (Alcorn, Rathnayaka, Swann, Moeller & Lane, 2015) que administrou oxitocina nasal para verificar a diminuição de frequência de comportamentos agressivos; as pesquisas com pacientes aborígenes com Transtorno da Personalidade Borderline (Fromene & Guerin, 2014; Fromene, Guerin & Krieg, 2014) e o esvanecimento por dessensibilização sistemática de um caso de Transtorno Social Fóbico derivado da exposição à violência urbana (Balvedi, 2004).

Significados de violência

Duas dimensões foram consideradas na análise do significado atribuído ao termo “violência” na literatura consultada. Em primeiro lugar, localizamos definições explícitas ou implícitas nos trechos selecionados. Textos que apresentavam explicitamente uma definição de violência foram alocados na categoria "explícita". Já os textos que discutiam o tema, mas não apresentavam uma definição explícita, restando-nos apenas inferir um significado possível ali adotado, foram alocados na categoria "implícita". A segunda dimensão, esta não estabelecida a priori, sendo resultante do próprio processo de análise, consistiu na classificação das definições em duas categorias: *topográfica* ou *funcional*. A categoria topográfica envolve caracterizações que privilegiavam a forma e/ou configuração física da resposta (Catania, 1998/1999). Uma perspectiva topográfica salienta o ato, independente da cadeia de antecedentes e consequentes associados ao comportamento. Já a categoria funcional se especifica pela descrição das consequências que mantêm o comportamento (Goulart, Delage, Rico & Brino, 2012), de modo a englobar a topografia, no caso aquelas de classes de respostas violentas, mas sem se basear nela para definir a classe comportamental - esta é definida funcionalmente. Em suma, ela deve (1) descrever relações contexto-comportamento e não apenas a dimensão comportamental, o que implica (2) elencar o contexto de ocorrência

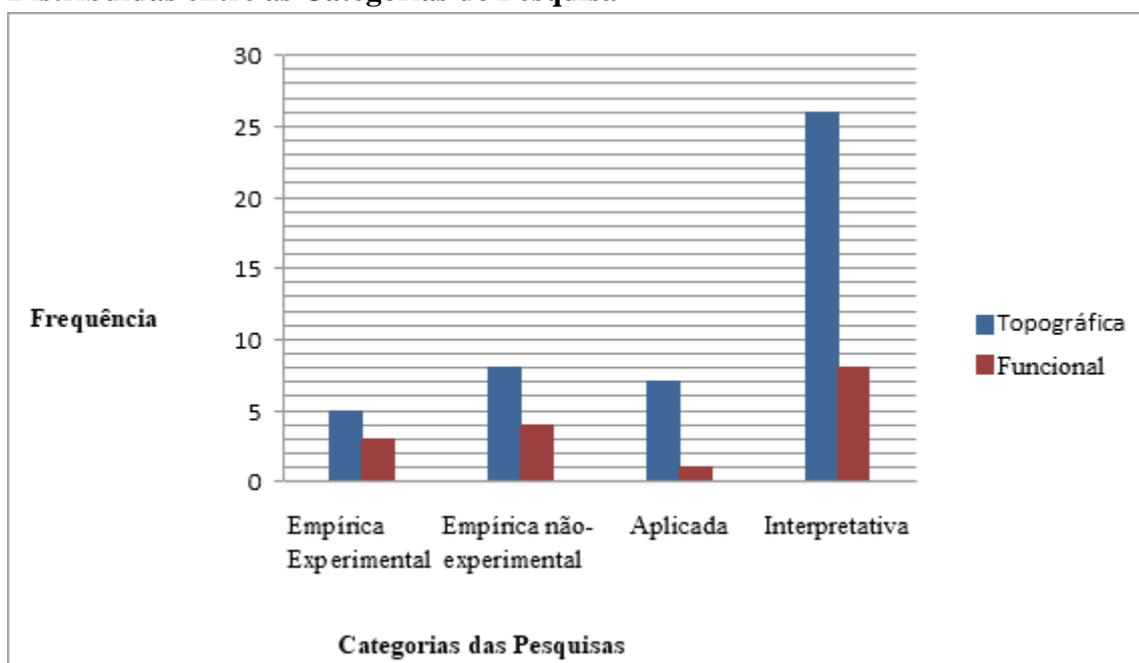
e/ou as consequências do comportamento e (3) a sua função na seleção e manutenção do mesmo.

Mattaini (2013), por exemplo, apresenta elementos topográficos e funcionais em sua definição da violência. A compreensão topográfica privilegiava a descrição e identificação de aspectos agressivos e lesivos de *alta magnitude* aversiva das interações entre grupos sociais que podem objetivar a destruição dos seus antagonistas em sua generalidade. A definição funcional, que foi um empréstimo teórico advindo de outras teorizações sobre justiça social, se ateve a uma relação de sujeitos violentadores que deliberadamente (segundo o autor) manipulam as instituições para monopolizarem os recursos. Assim, a caracterização topográfica sobre a violência coletiva: "*Violência coletiva*, incluindo repressão política, guerra, genocídio, e violência associado com drogas, tráfico de humanos e armas" (Mattaini, 2013, p. 1, itálicos adicionados). Já a descrição sobre as instituições se lastrearem diretamente na exploração dos mais necessitados não necessita citar os atos violentos para figurar a destrutividade do evento, mas está figurando uma relação por ele considerada injusta de dependência:

Todos os problemas notados são produtos de padrões estabelecidos de transações entre sistemas comportamentais humanos, os quais são responsáveis por modelar os 'vilões' e marginalizar populações inteiras enquanto privilegiam outras. Os resultados desses padrões são o que o médico e defensor dos direitos humanos Paul Farmer nomeia '*violência estrutural*', e o teólogo da libertação Gustavo Gutiérrez, '*pecado estrutural*'. . . Certamente assustador, e profundamente perturbador; ainda que o esforço para 'salvar o mundo', ou então 'reparar o mundo' permaneça modesto no máximo. . . Mais uma vez, Skinner estava certo (e merece ser relido). (Mattaini, 2013, p. 1, itálicos adicionados)

A Figura 2 apresenta a frequência de definições topográficas e funcionais entre os textos selecionados. Nota-se que definições topográficas foram mais frequentes que as funcionais em todas as categorias de pesquisa, um possível indicativo de que, mesmo na análise do comportamento, uma área que supostamente priorizaria definições funcionais, parece atribuir à classe “violência” majoritariamente significado topográfico.

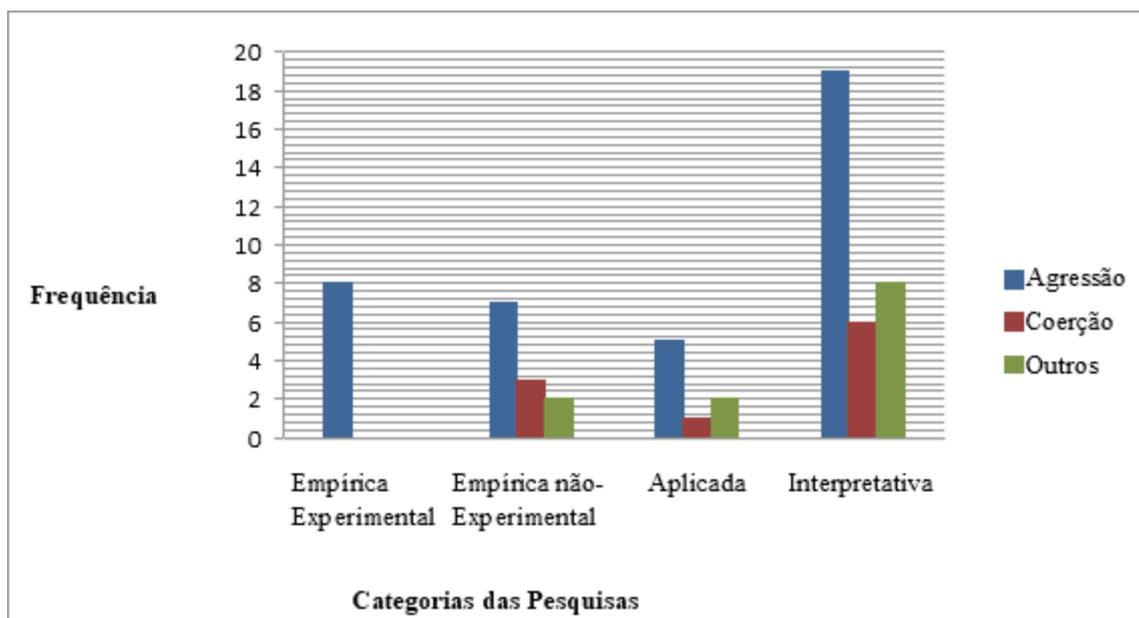
Figura 2. Frequência das Definições Topográficas e Funcionais de Violência Distribuídas entre as Categorias de Pesquisa



Além de apresentarem definições implícitas ou explícitas, topográficas ou funcionais, os trechos selecionados que tratavam da violência também a associavam a outras categorias comportamentais. Essa associação é um indicativo relevante para compreender o significado do termo. Em sentido amplo, localizamos "formas de violência", isto é, classes de comportamento de topografias variadas que tinham por consequência a produção de prejuízos em suas mais diversas instâncias para as vítimas. Essa larga classificação acolheu topografias como depredações de bens privados (pichações, vandalismo) (Carvalho, Gomide & Ingberman, 2004) e sabotagem (Delprato, 2002); negligência ao cuidado infantil (Valentim &

Valle, 2004; Silvares, 2004); bullying, intimidações, minimização do valor pessoal e consequente autculpabilização (Guerin & Ortolan, 2017) e eventos como genocídios, terrorismo, violências de gangues (Mattaini, 2003a, 2003b). Apesar da presente variabilidade, foi possível organizar essas formas de violência em três categorias mais amplas: (a) violência como agressão, compreendida como atos capazes de lesionar suas vítimas; (b) violência como coerção, na qual se agruparam todos aqueles que delimitavam a violência a partir do modelo de Sidman sobre coerção; e (c) outros, que inclui desde perspectivas que mencionam a violência como comportamento social, no qual é levado em conta o entrelaçamento de contingências relativas a comportamentos das pessoas em grupo, até outras classificações idiossincráticas aos textos encontrados e que não se enquadram nas categorias de agressão e coerção. A Figura 3 mostra a distribuição das formas de violência entre as dimensões de pesquisa consideradas.

Figura 3. Frequência das Formas de Violência Distribuídas entre as Categorias de Pesquisa



Violência e agressão

Como é possível notar na Figura 3, a associação da violência com a agressão ocorre em maior frequência em todas as categorias de pesquisa. Na categoria experimental estiveram presentes somente formas de violência agressivas, que incluíam, por exemplo, o balançar brusco de macacos em contenção física (Harlow, 1937), o efeito do aperto de botões em uma situação de punição negativa (Allen, Dougherty, Rhoades & Cherek, 1996; Cherek & Dougherty 1997; Dougherty, Cherek & Lane, 1998) e a retirada abrupta de uma peça de quebra-cabeça de uma criança por outra (Gutiérrez, 2012). Autores como Allen, Dougherty, Rhoades e Cherek (1996), Cherek e Dougherty (1997), Dougherty, Cherek e Lane (1998), Gutiérrez (2012), Harlow (1937), e Roche e Barnes (1998) apresentaram a violência como comportamento agressivo e este foi caracterizado como comportamento fisicamente passível de causar dano físico ou psicológico, o que pode ser considerada uma definição baseada no efeito do comportamento sobre o outro.

No entanto, na dimensão da resposta, a propriedade abstraída pelos autores que aproxima a violência de agressão parece ser a topografia observável do comportar-se agressivamente ou violentamente. Agressão é um comportamento observável para os seguintes analistas do comportamento: Allen, Dougherty, Rhoades e Cherek (1996); Cherek e Dougherty (1997); Dougherty, Cherek e Lane (1998); Murrell, Christoff e Henning (2005); Pereira e Gioia (2010); Gomes e Costa (2014); Alcorn, Rathnayaka, Swann, Moeller e Lane (2015); Soares e Goulart (2015); Fazzano e Gallo (2015) (da dimensão sobre violência homofóbica) e Soares e Neto (2016). Eles exemplificam casos em que o termo "agressão" foi preferencialmente utilizado para retratar topografias que classificam atos lesivos com danos físicos às vítimas, independente da severidade, ao invés do termo "violência", funcionalmente

relegado ora a condição de sinônimo de “agressão”, ora a uma classe de comportamento mais ampla da qual a agressão faria parte, que é a compreensão de Soares e Neto (2016):

A Análise do Comportamento (AC) apresenta, desde cedo, interesse na investigação, compreensão e intervenção sobre fenômenos comportamentais básicos e complexos com algum impacto social visando à resolução dos problemas humanos. Um desses problemas sociais fundamentais seria *a violência, em que a agressão é o elemento básico*. . . . (p. 66, itálicos adicionados)

Gomes e Costa (2014) também compartilham da mesma compreensão sobre violência e agressão, entretanto foram ainda mais explícitas em classificar a agressão como classe para topografias com funções violentas:

Lacerda. . . e Trovão. . . , a partir de pesquisas realizadas com mulheres vítimas de *violência cometida por seus parceiros*, propuseram que o comportamento emocional ciumento ("ciúme") não seja considerado evento causal, tampouco evento antecedente do comportamento violento contra a mulher, *e sim que a agressão pode ser entendida como uma topografia daquele*. (p. 91, itálicos adicionados)

Nesses exemplos a agressão parece ser o elemento básico da violência, aqui utilizada para se referir a comportamentos observáveis, que produzem danos físicos ao violentado. Exemplos nesse caminho advêm, sobretudo, de pesquisas experimentais e também das pesquisas que são revisões das pesquisas experimentais como as de Soares e Neto (2016) e Capelari e Fazzio (1999). Especialmente Capelari e Fazzio (1999) forneceram uma definição que é exemplarmente capaz de denotar a característica básica das compreensões sobre agressão: sua verificabilidade a partir da delimitação topográfica:

A agressão pode ser definida como um comportamento associado à apresentação de estimulação aversiva a outro organismo; esta definição evita referências a fatores motivacionais como intenção de causar danos. Considerando esta definição

adequada, porém ampla, e na intenção de ter uma resposta o mais definida possível para observação e análise, *usaremos a resposta de ataque, como referência de agressividade*. Mais especificamente, falando em ratos, *chamaríamos de uma resposta agressiva patadas ou mordidas com o animal em posição agressiva estereotipada*, descrita por Ulrich & Azrin (1962) como o animal sobre duas patas, com a cabeça para cima e a boca aberta, diante do estímulo-alvo. (p. 177-178, itálicos adicionados)

Além da dimensão topográfica do comportar-se violentamente ou agressivamente e do efeito sobre o outro (causar danos físicos ou psicológicos), alguns dos textos que aproximaram “agressão” e “violência” também discutiram também aspectos funcionais. Alcorn, Rathnayaka, Swann, Moeller e Lane (2015), por exemplo, escreveram: “Uma forma permanente e problemática de comportamento social é a agressão. *Agressão pode ser definida como a apresentação por um indivíduo de um estímulo aversivo a outro indivíduo, que vê o estímulo aversivo como prejudicial e busca evitá-lo. . .*” (p. 2, itálicos adicionados). Aqui a “agressão” tem como desdobramento o comportamento de fuga de quem entrou em contato com o estímulo aversivo. Por outro lado, Dougherty, Cherek e Lane (1998) parecem classificar a agressão como sendo em si mesmo um comportamento de fuga: “Alguém poderia classificar o comportamento agressivo em seu contexto funcional como um comportamento de fuga. . .”(p. 597).

Em resumo, em alguns textos analítico-comportamentais o termo “violência” parece estar associado a “agressão”, esta vista como uma classe de comportamento cuja definição baseia-se (a) em elementos topográficos (ação manifesta, observável), (b) em seus efeitos sobre as vítimas (causar dano), o que não é necessariamente uma definição funcional, (c) em sua função aversiva desencadeadora de comportamento de fuga do “violentado” ou “agredido”, e (d) em sua função de fuga para o agressor/violentador.

Violência e coerção

A violência também foi associada à coerção e esta não se confunde com agressão. Quanto à coerção, esta é a forma de violência que descreve relações sociais abusivas dada a assimetria de poder. Pereira e Gioia (2010), por exemplo, caracterizam o modelo de Sidman como sendo um “modelo de violência” (p. 138). Callou, Bastos, Moreira e Souza (2016) foram ainda mais explícitos:

Além da presença do controle instrucional, a Análise do Comportamento entende *o fenômeno da violência* como sinônimo de coerção (Andery & Sérgio, 1997). Este conceito é apontado por Sidman (1989/2009) como o “uso da punição e da ameaça de punição para conseguir que os outros ajam como nós gostaríamos e a nossa prática de recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças” (Sidman, 1989/2003, p.17). (pp. 81-82, itálicos adicionados)

Andery e Sérgio (1997), citadas no trecho anterior, asseveram:

Entendemos violência como sinônimo de coerção, tal como Sidman (1989) utiliza o termo: como a presença de controle aversivo em nossas interações com outros homens e com a natureza. E controle aversivo envolve punição, reforçamento negativo (fuga e esquiva) e privações socialmente impostas. (p. 436)

A coerção no modelo de Sidman foi compreendida como sinônimo de violência em outros textos de autores brasileiros: Mestre et al. (2004); Pereira e Gioia (2010); Callou, Bastos, Moreira e Souza (2016); Lacerda e Costa (2013); Namó e Banaco (1999); Silveiras (2004); Valentim (2005); Neto, Alves e Baptista (2007). Outros autores que citam Sidman dada a sua importância histórica no estudo da coerção e suas implicações se trataram de Balvedi (2004), Amorim (1999) e Capelari e Fazzio (1999). Esses autores correspondem a

onze dos 17 textos escritos em português, um número considerável que estreita a relação entre violência e coerção na literatura brasileira. A título de comparação, dentre os textos escritos em inglês, somente dois fazem referência direta ao modelo de Sidman: Bell e Naugle (2005), sobre as determinantes que levam mulheres a permanecerem em relações abusivas, e Holth (2010), que faz uma entrevista com o próprio Sidman, na qual ele discute mais o seu trabalho experimental e teórico do que propriamente seus escritos sobre coerção. Sasson e Paul (2014) e Roche e Barnes (1998) usaram o termo "sexual coercion" para se referir à restrição e controle mantido durante a importunação sexual, mas não fizeram nenhuma menção a Sidman.

Expandindo o modelo de Sidman (1989/2009) para interpretações de práticas sociais, Namó e Banaco (1999) pretenderam especificar quais efeitos da coerção estariam presentes em uma situação de controle coercitivo socialmente generalizado: "furtos, roubos, sequestros, furtos e roubos de veículos, roubos a instituições financeiras, mortes por acidentes de veículos, mortes de policiais militares em combate com civis, morte de civis em combate com policiais militares e suicídios" (p. 196). Todos esses comportamentos foram contabilizados como crimes cometidos decorrentes do empobrecimento da cidade de São Paulo na década de 1990. Outro exemplo conceitual derivado também do uso da obra de Sidman (1989/2009) se tratou de Neto, Alves e Baptista (2007). Os autores respondem negativamente ao papel da "consciência" na redução da violência que assola o Brasil, isto é, do conscientizar-se como condição para mudança de práticas sociais deletérias (violentas, nesse caso). A função coercitiva da violência (tratada indistintamente como coerção) foi salientada sucintamente: "O que seria a violência? Em última análise, seria *um conjunto de relações organismo/ambiente (comportamentos) envolvendo algum tipo de função coercitiva*" (p. 40, itálicos adicionados).

As dimensões temáticas (ver Tabela 2) da violência foram variadas nos textos que estabeleceram uma relação de equivalência entre violência e agressão. Da dimensão sexual somente Roche e Barnes (1998) e Sasson e Paul (2014) estiveram presentes. Valentim (2005) e Neto, Alves, e Baptista (2007) trataram da dimensão de violência interpessoal não específica, caracterizando-a como coerção. A discussão da violência no trânsito, em Mestre et al. (2004), também foi amparada por Sidman (1989/2009). Três textos da dimensão de violência urbana mencionaram Sidman (1989/2009), sendo Namó e Banaco (1999), Andery e Sérgio (1997) e Balvedi (2004). Já Callou, Bastos, Moreira e Souza (2016) e Lacerda e Costa (2013) pertencem à dimensão da violência contra a mulher. Por fim, Pereira e Gioia (2010) pertencem à dimensão da violência escolar; Silveiras (2004) à infantil; Amorim (1999) à mediada e Capelari e Fazzio (1999) à experimental.

Em suma, a violência parece ter sido igualada à coerção em função de seus efeitos danosos à vítima, aspecto que já estava presente, como vimos, quando se discutiu a relação entre violência e agressão. No entanto, a associação entre os termos adiciona um novo elemento, ausente no caso da agressão, a saber, a função do comportar-se violentamente: fazer com que o violentado se comporte da maneira que queremos. Ou seja, classes de comportamentos violentos podem ser selecionadas e mantidas por consequências reforçadoras positivas (e não apenas negativas, como as descritas na seção sobre violência e agressão).

A função aversiva da violência para a vítima é central na definição de coerção de Sidman (1989/2009): "Por coerção eu me refiro a nosso uso da punição e da ameaça de punição para conseguir que os outros ajam como nós gostaríamos e à nossa prática de recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças" (p. 17). Assim, se violência for sinônimo de coerção, então comportamentos violentos possuiriam duas características: (a) fazer com que as pessoas se comportem da maneira que queremos – ou seja, pela perspectiva do agente do comportamento violento, trata-se de uma contingência de

reforço positivo em que a consequência reforçadora é o comportamento do outro; e (b) os comportamentos envolvidos na produção da consequência reforçadora positiva (i.e., o “comportamento do outro”) envolvem controle aversivo.

Outras dimensões associadas à violência

A categoria “outras”, conforme defina anteriormente ao apresentarmos a Figura 3 incluiu as caracterizações de violência que não a associavam diretamente com agressão ou coerção. Dois fatores justificaram alocar os trabalhos nessa categoria. O primeiro deles foi a ausência de especificações topográficas e funcionais dos comportamentos violentos. Navarick (2012), por exemplo, tratou das diferentes violências cometidas dentro da longa cadeia comportamental e expandida característica de um genocídio (retiradas forçadas de casa, cavar sua própria cova, e, finalmente, o fuzilamento), mas não apresentou necessidade de descrever pormenorizadamente como ocorreu cada um desses atos. Pennypacker (1986), que mencionou a violência urbana, não viu necessidade de especificar como ela ocorria. Dillenburger e Keenan (2001) trataram do enlutamento de mulheres decorrente da violência sectária na Irlanda do Norte e apresentaram a exceção: os casos em que ocorriam as violências estiveram bem delineados entre os seus contextos de ocorrência.

O segundo fator, sendo esse o mais importante, é que alguns dos trabalhos incluídos nesta categoria tinham a característica de tratarem de fenômenos macrossociais ou práticas culturais. Nesses textos houve uma ampliação do significado de violência, que passou a se referir não só a comportamentos individuais agressivos ou coercitivos, mas também à qualificação das contingências sociais e práticas culturais que compõem uma sociedade. O autor mais representativo, pelo volume de pesquisas e alcance de seus temas de pesquisa, nessa caracterização foi Mattaini (1996, 2003a, 2003b, 2013), que mencionou genocídios,

violência de ruas entre gangues, tráfico de armas e pessoas, homicídios, tiroteios em escolas e uso generalizado de armas de fogo nos Estados Unidos, como formas de violência derivadas da estruturação da sociedade: Uma classe dirigente deliberadamente delinea instituições para limitar o acesso dos menos favorecidos aos mesmos recursos. Talvez por essa via de argumentação não tenha sido necessário descrever minuciosamente cada cenário de violência - a abordagem consistiu em focar não as formas que a desigualdade pode vir a tomar, mas sim suas possíveis causas. Um exemplo é suficiente para mostrar esse ponto:

Práticas culturais (digo, *atos de violência de gangues*) são frequentemente tecidas em complexas redes de antecedentes e consequentes. . . . Em instância esses tipos de comportamentos pode ser parte governada por regras ("Eu perco respeito se eu deixar esse cara de fora da vizinhança me desrespeitar"); em parte aprendido através da imitação (observando outros membros da gangue) ganhar respeito através de atos violentos, e talvez evocados em parte por múltiplas operações estabeledoras (e.g., altos níveis de privação no geral, incrementando a sensibilidade para qualquer fonte de reforçamento disponível) consistente com a lei da igualação. Múltiplas consequências concorrentes podem estar ativas (respeito dos pares, atenção das jovens, alívio após sair ileso de uma condição aversiva gerada pela presença de um membro de outra gangue). (Mattaini, 1996, p. 262, itálicos adicionados)

Mattaini discute nessa passagem as variadas e diversas contingências sociais mantenedoras de práticas culturais violentas: quais formas de violência emergem a partir dessa interação não precisam ser elencadas uma por uma, afinal, o interesse é descrever o mecanismo de seleção que enreda uma pessoa na criminalidade de rua. O novo elemento significativo que parece estar associado ao termo violência está justamente na dimensão sociocultural dessas análises, isto é, que vão além do comportamento de indivíduos. Aqui parece ter sentido dizer que sociedade ou a cultura, por exemplo, é "violenta".

Considerações finais

O objetivo central desta pesquisa foi descrever e apontar caminhos de análise sobre o uso do termo "violência" na literatura analítico-comportamental. Partindo da teoria do significado de Skinner (1957)³, segundo a qual o significado de um termo está nas variáveis que controlam o seu uso, esperamos ter indicado algumas dessas possíveis variáveis, guardadas, evidentemente, as devidas limitações da pesquisa bibliográfica, haja vista que não temos acesso, de fato, às variáveis que controlaram o comportamento dos autores de escrever os seus textos, mas apenas ao produto deste comportamento (i.e., os textos). E mais, o texto que apresentamos aqui é o produto do efeito da leitura desses textos (na condição de estímulos verbais), isto é, trata-se da descrição do efeito das obras sobre o comportamento dos leitores que, ao descreverem os efeitos, se tornam autores (Skinner, 1957). Considerando que cada leitor/autor possui uma história particular, esses efeitos podem ser diversos e variados. Essa limitação indica de maneira não trivial que os dados aqui expostos não devem ser lidos como incontestes e irrefutáveis.

Ainda assim, consideramos os dados encontrados relevantes para termos ao menos um indício do significado atribuído ao termo "violência" na literatura de análise do comportamento. Em primeiro lugar, foram variadas as dimensões de violência estudadas na área (Tabela 2), englobando desde a agressão em contexto experimental com organismos não-humanos, passando por violência contra a mulher, racial, homofóbica, até urbana e midiaticizada. Ou seja, a despeito da definição que se adote, parece que violência é um fenômeno presente em diversas dimensões da experiência humana, o que torna o seu estudo ainda mais relevante. Aqui cabe outro dado: trabalhos de análise do comportamento sobre o

³ A compreensão de significado para Skinner é pragmática: é na ação interindividual que os conceitos ganham seus significados. Sem uma análise da rede de inter-relações entre os falantes de uma dada expressão não se pode entender como os conceitos ganham significação. O que aqui foi feito se tratou de uma delimitação de certos padrões presentes na literatura analítico-comportamental sobre violência. Esses padrões estão, obviamente, cristalizados na literatura e são utilizados como forma corrente de entender o presente evento.

tema se tornaram mais frequentes somente na década de 1990 (Figura 1), o que pode indicar aumento de interesse pelo tema a partir dessa década, o que é bem-vindo, ou somente o início do uso de um termo particular (“violência”) para descrever fenômenos que antes eram descritos por meio de outros termos (e.g., “agressão”, “coerção”) que não estavam entre os descritores de nosso levantamento.

Especificamente acerca do sentido de “violência”, são vários os elementos que parecem controlar o uso do termo. Em primeiro lugar, parece existir uma ênfase em fatores topográficos, em detrimento dos funcionais, na caracterização de ações como “violentas” (Figura 2), especialmente relacionados à sua magnitude e à sua ocorrência de maneira manifesta. O risco de usar somente critérios topográficos para definir o que seja violência, porém, consiste justamente na possibilidade de desconsiderar a dimensão funcional e coloca questões difíceis de responder. Haveria um limiar de magnitude que, caso passado, tornaria a resposta “violenta”? Um leve “tapinha”, por sua magnitude menor, não seria considerado ato de violência, enquanto um “tabefe” o seria? O que seria considerado “leve”? Quando um ato deixa de ser um “tapinha” para se tornar um “tabefe”? Estas questões são difíceis de responder (impossíveis?) se desconsiderarmos os aspectos funcionais do comportar-se.

A importância de o comportamento violento ser manifesto parece ser incontestável, pois, como veremos, o efeito sobre o outro é um de seus elementos funcionais definidores. Se o outro não tem acesso ao comportamento, então esse comportamento não o afeta. Por essa razão, talvez haja pouca probabilidade de comportamentos encobertos serem considerados “violentos”. Uma pessoa pode ter “pensamentos negativos” sobre outra, “imaginar-se” numa situação em que a esteja agredindo. O outro não foi afetado. Evidentemente, comportamentos encobertos podem ter função precorrente que tornam ações manifestas de violência mais prováveis (ter pensamentos negativos ou imaginar-se batendo em uma pessoa pode aumentar a probabilidade de, de fato, ocorrer a agressão contra a pessoa), mas enquanto tais não

possuem efeito algum sobre o outro. Esses comportamentos encobertos não seriam, então, violentos?

Notamos, também, uma associação mais estreita entre violência e duas outras classes de comportamento: agressão e coerção. Em relação à agressão, encontramos novamente a importância de aspectos topográficos na definição da ação “agressiva” (magnitude e ser manifesta) e também no efeito danoso sobre o outro. Incluir o “dano” sobre o outro não implica sair da dimensão topográfica, pois um hematoma (dano causado ao outro), por exemplo, não é necessariamente um elemento funcional. No entanto, há a adição de elementos funcionais na definição de agressão e, por extensão, de violência: ações “violentas” são aversivas por tornarem mais prováveis respostas de fuga ou esquiva no violentado e também por terem função de fuga para o agressor / violentador. O insulto de um agente, então, só seria considerado ação “violenta” caso desencadeasse fuga ou esquiva no insultado? Ou caso tivesse, em si mesmo, função de fuga para o insultador? A inclusão desses elementos funcionais é um passo relevante, mas parecem deixar de fora aspectos importantes da “violência”. Um comentário machista direcionado a uma mulher só será considerado “violento” caso produza padrões de esquiva ou fuga? É como se a busca pela mudança das contingências sociais patriarcais e machistas, o que não é fuga e esquiva, mas enfrentamento da situação aversiva, acabasse por tornar as ações machistas “não violentas”, já que as mulheres não estariam mais emitindo padrões de comportamento de fuga e esquiva. Evidentemente, isso é absurdo. Associar violência à função de fuga para o violentador é igualmente problemático. O comentário machista teria função de fuga para o homem o que o emitiu? Talvez nem toda ação “violenta” tenha função de fuga, e é justamente isso o que nos diz a literatura que estreitou a relação entre violência e coerção. A associação entre os termos adiciona um novo elemento funcional: fazer com que o violentado se comporte da maneira que queremos por meio do uso de controle aversivo. A partir dessa caracterização, “violência”

se torna uma relação de controle; especificamente, de controle de consequências aversivas que podem afetar o outro e que, por essa razão, é utilizado para fazê-lo agir de tal ou qual maneira. Em suma, “violência” parece se tornar uma relação de “poder” sobre o outro (Goltz, 2020). Contudo, há um problema com essa concepção: ao focar apenas no controle do outro por vias aversivas, deixa-se de fora o controle do outro pela manutenção de consequências reforçadoras positivas. Esse tipo de relação de poder ou controle não seria “violenta”? Obviamente, dependeria de outros fatores adicionais. A proposta de Goldiamond (1974, 1976) em avaliar a coerção em graus e não em sentido absoluto nos ajuda a refletir sobre essa questão, ainda que não tenha aparecido na bibliografia selecionada para esta pesquisa.

Para o autor, coerção deve ser analisada não necessariamente em função do uso de controle aversivo para fazer com que as pessoas se comportem como queremos, mas sim da existência e quantidade de alternativas possíveis de ação. Uma pessoa que trabalha em um subemprego E para adquirir o dinheiro necessário para a manutenção das condições básicas de sobrevivência parece estar diante de uma contingência de reforço positivo. No entanto, se não há alternativas possíveis de ação a não ser o subemprego E, isto é, se a alternativa a E é perder as condições básicas de sobrevivência, então, para Goldiamond, estaríamos diante de uma situação coercitiva. Ao contrário do modelo de Sidman, que parece focar uma relação particular entre controlador e controlado, o modelo de Goldiamond nos apresenta uma visão sistêmica. Não é preciso que exista um agente específico X controlador do sujeito Y. Os contextos social e econômico do sujeito Y podem configurar uma situação aversiva. É por isso que, talvez, se só nos utilizássemos do modelo de Sidman, falas como “a pessoa está no subemprego E porque quer” ou “ninguém mandou ela fazer E” podem se tornar mais prováveis, tendo em vista a ausência de um agente controlador particular. Se partirmos de Goldiamond, esse tipo de discurso se torna claramente equivocado: se E é o único meio de ter

acesso a condições básicas de sobrevivência, o sujeito não “fez o que quer”, ele não tinha alternativa. Se quisermos nos manter vivos, podemos dizer que respirar é uma escolha?

O modelo de Goldiamond também é relevante por também ser útil na discussão do sentido macrossocial ou cultural da “violência”. Como vimos, especialmente nos textos de Mattaini (1996, 2003a, 2003b, 2013), violência passou a se referir não só a comportamentos individuais agressivos ou coercitivos, mas também à qualificação das contingências sociais e práticas culturais que compõem uma sociedade. Ou seja, não só comportamentos podem ser “violentos”, mas todo um contexto pode ser caracterizado enquanto tal. Um exemplo extraído de Sen (1999/2010) nos ajuda a pensar a questão. O autor relata o caso do muçulmano Kader Mia, que trabalhava em um bairro hindu na cidade de Dhaka e que, um dia, entrou em sua casa ensanguentado, após ter sido esfaqueado nas costas por supremacistas hindus. Os ânimos estavam aflorados, devido à indefinição, até então, da independência da Índia e o que se avizinhava como a separação dos territórios de maioria muçulmana. Kader Mia foi alertado por sua esposa a não trabalhar em um espaço perigoso para ele. Mas ele precisava de dinheiro para alimentar sua família. Inevitavelmente ele faleceu em decorrência do ferimento. A violência que está colocada em discussão não foi o homicídio de Kader Mia, ainda que esse ato deva ser considerado “violento” diante dos critérios acima expostos. Mas há outra dimensão da violência que vai além do ato. Trata-se de uma situação de grau zero de liberdade (Goldiamond, 1974, 1976): a única possibilidade para conseguir ter condições básicas de sobrevivência era buscar emprego em uma área perigosa para um muçulmano devido à violência sectária na década de 1940. Há um contexto social e econômico “violento” que talvez mereça levar essa qualificação por tornar frequentes situações coercitivas como a enfrentada por Kader Mia. Como afirmou Sen (1999/2010): "A privação de liberdade econômica pode gerar a privação de liberdade social, assim como a privação de liberdade social ou política pode, da mesma forma, gerar a privação de liberdade econômica" (p. 23).

Não é claro como pode ser atribuída a responsabilidade pela situação socioeconômica de Kader Mia, seja a rede de governança do aparato estatal britânico na Índia ou sejam os administradores como entes individuais, responsáveis pelas políticas à população. A questão é saber se o *locus* de controle pode ser atribuído, em outro nível social que não é a violência interpessoal (aquela que cataloga o esfaqueamento do trabalhador muçulmano), a um Estado, a uma instituição impessoal, e, sanada tal possibilidade, se caso pode ser dito que isso configuraria um evento pleno de ser considerado como violento - apesar do agressor ser tão difuso e a modalidade da aventada violência ser tão evanescente, ou seja: não ocorreu nenhum tipo de agressão direta que o lesionasse imediatamente.

Não é objetivo deste trabalho apresentar uma definição inequívoca e consensual de “violência” que poderia ser usada para separar claramente comportamentos e contextos violentos dos não-violentos. Esse tipo de esforço não condiz com a própria teoria do significado behaviorista radical (Abib, 1994, Skinner, 1957) e com sua visão de mundo antiessencialista (Carrara & Gonzalez, 1996; Palmer & Donahoe, 1992). Não há uma essência da violência. Um núcleo duro, estático e imutável compartilhado por todo e qualquer fenômeno violento e ausente em todo e qualquer fenômeno não violento. O que temos é um conjunto de elementos mutáveis, sensíveis ao contexto de uso, que nos fornecem um quadro geral sobre a miríade de significados de “violência” na literatura analítico-comportamental. O que fizemos foi localizar, organizar e refletir sobre tais elementos, guardadas, evidentemente, as devidas limitações de espaço. Esperamos que esse esforço seja de alguma valia para analistas do comportamento interessados pelo tema em suas incursões teóricas, aplicadas e experimentais.

Referências

Os 61 textos selecionados para análise estão marcados com asteriscos (*).

- Abib, J. A. D. (1994). O contextualismo do comportamento verbal: a teoria skinneriana do significado e sua crítica ao conceito de referência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *10*(3), 473-487.
- *Alcorn, J. L., Rathnayaka, N., Swann, A. C., Moeller, F. G., & Lane, S. D. (2015). Effects of Intranasal Oxytocin on Aggressive Responding in Antisocial Personality Disorder. *The Psychological Record*, *65*(4), 691–703. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40732-015-0139-y>. doi: 10.1007/s40732-015-0139-y
- *Allen, T. J., Dougherty, D. M., Rhoades, H. M., & Cherek, D. R. (1996). A Study of Male and Female Aggressive Responding Under Conditions Providing an Escape Response. *The Psychological Record*, *46*(4), 651-664. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03395190>. doi: 10.1007/BF03395190
- *Amorim, C. (1999). A possibilidade de usar a Análise do Comportamento para analisar a violência na imprensa. Em Kerbauy, R. R., & Wielenska, R. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 4. Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação* (pp. 184-191). Santo André, SA: Esetec.
- *Anderson, C. M., & Kincaid, D. (2005). Applying behavior analysis to school violence and discipline problems: Schoolwide positive behavior support. *The Behavior Analyst*, *28*(1), 49-63. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03392103>. doi: 10.1007/BF03392103

- *Andery, M. A. P. A., & Sério, T. M. A. P. (1997). A violência urbana: aplica-se à análise da coerção?. Em Banaco, R. A. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 433-444). São Paulo, SP: Arbytes.
- *August, G. J., Realmuto, G. M., Mathy, R. M., & Lee, S. S. (2003). The "Early Risers" FLEX program: A family-centered preventive intervention for children at-risk for violence and antisocial behavior. *The Behavior Analyst Today*, 4(1), 26-33. Recuperado de: <http://psycnet.apa.org/record/2014-44018-004>. doi: 10.1037/h0100004
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some Current Dimensions of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91-97. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1310980/>. doi: 10.1901/jaba.1968.1-91
- *Balvedi, C. (2004). Relato de acompanhamento terapêutico de cliente de terceira idade decorrente da violência urbana. Em Brandão, M. Z. S., Conte, F. C. S., Brandão, F. S., Ingberman, Y. K., Moura, C. B., Silva, V. M., & Oliane, S. M. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 14. Estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas* (pp. 13-18). Santo André, SA: Esetec.
- Baum, W. (2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução*. Porto Alegre: ARTMED EDITORA S.A. (Obra original publicada em 2005).
- *Bell, K. M., & Naugle, A. E. (2005). Understanding Stay/Leave Decisions in Violent Relationships: A Behavior Analytic Approach. *Behavior and Social Issues*, 14(1), 21-45. Recuperado de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/119>. doi: 10.5210/bsi.v14i1.119

- Black, E. (2003). *A Guerra contra os fracos: A eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa Editora LTDA.. (Obra original publicada em 2003).
- *Callou, I. C., Bastos, T. M., Moreira, J. M., & Souza, J. M. (2016). Regras descritivas ocidentais e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Acta Comportamentalia*, 24(1), 79-94. Recuperado de: <http://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/54714>.
- *Calkin, A., B. (2001). Response to Bereavemnet: A Behavioural Process. *European Journal of Behavior Analysis*, 2(2), 139-142. Recuperado de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15021149.2001.11434188>. doi: 10.1080/15021149.2001.11434188
- *Capelari, A., & Fazzio, D. F. S. (1999). O estudo da violência no laboratório. Em Kerbauy, R. R., & Wielenska, R. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 4. Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação* (pp. 177-183). Santo André, SA: Esetc.
- Carrara, K., & Gonzalez, M. H. (1996). Contextualismo e mecanicismo: implicações conceituais para uma análise da Análise do Comportamento. *Didática*, 31, 199-217.
- *Carvalho, M. C. N., Gomide, P. I. C., & Ingberman, Y. K. (2004). Comportamento infrator: locus de causalidade. Em Brandão, M. Z. da S., Conte, F. C. de S., Brandão, F. S., Ingberman, Y. K., Moura, C. B. de, Silva, V. M. da, & Oliane, S. M. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 14. Estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas* (pp. 38-47). Santo André, SA: Esetec.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: ARTMED EDITORA S.A. (Obra original publicada em 1998).

- Chagnon, N. (2014). *Nobres Selvagens: Minha vida entre duas tribos perigosas: Os ianomâmis e os antropólogos*. São Paulo: Três Estrelas. (Obra original publicada em 2013).
- *Cherek, D. R., & Dougherty, D. M. (1997). The Relationship Between Provocation Frequency and Human Aggressive Responding. *The Psychological Record*, 47(3), 357-370. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03395231>. doi: 10.1007/BF03395231
- *Correia, K. M. L., & Borloti, E. (2011). Mulher e depressão: Uma Análise Comportamental-Contextual. *Acta Comportamental*, 19(3), 359-373. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/28049>.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto*. Porto Alegre: ARTMED EDITORA S.A. (Obra original publicada em 2009).
- Crettiez, X. (2011). *As formas da violência*. São Paulo: Edições Loyola. (Obra original publicada em 2008).
- Critchfield, T. S., & Reed, D. D. (2017). The Fuzzy Concept of Applied Behavior Analysis Research. *The Behavior Analyst*, 40(1), 123-159. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40614-017-0093-x>. doi: 10.1007/s40614-017-0093-x
- *Delprato, D. J. (2002). Countercontrol in Behavior Analysis. *The Behavior Analyst*, 25(2), 191-200. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03392057>. doi: 10.1007/BF03392057
- *Dillenburger, K. & Keenan, M. (2001). Islands of pain in a sea of change: Behaviour analysis and bereavement. *European Journal of Behavior Analysis*, 2(2), 187-207. Recuperado de:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15021149.2001.11434194>. doi:
10.1080/15021149.2001.11434194

Donahoe, J. W. (2004). Interpretation and Experimental-analysis: An Undderappreciated Distinction. *European Journal of Behavior Analysis*, 5(83), 83-89. Recuperado de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15021149.2004.10446387>. doi: 10.1080/15021149.2004.10446387

*Dougherty, D. M., Cherek, D. R., & Lane, S. D. (1998). Aggressive Responding in the Laboratory Maintained by the Initiation of a Provocation-Free Interval. *The Psychological Record*, 48(4), 591-600. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03395291>. doi: 10.1007/BF03395291

*Duncan, P., & Hobson, G. N. (1977). Toward a Definition of Aggression. *The Psychological Record*, 27(3), 545-555. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03394476>. doi: 10.1007/BF03394476

*Edwards, K. A. (1974). Physical Restraint as Time-Out in Therapy. *The Psychological Record*, 24(3), 393-397. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03394258> doi: 10.1007/BF03394258

Elias, N. (1994). *O Processo Civilizador: Volume 1: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (Obra original publicada em 1939).

*Fazzano, L. H., & Gallo, A. E. (2015). Uma Análise da Homofobia Sob a Perspectiva da Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia*, 23(3), 535-545. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300002. doi: 10.9788/TP2015.3-02

Ferguson, N. (2017). *Civilização: Ocidente X Oriente*. São Paulo: Crítica. (Obra original publicada em 2011).

- *Fromene, R., Guerin, B., & Krieg, A. (2014). Australian Indigenous Clients with a Borderline Personality Disorder Diagnosis: A Contextual Review of the Literature. *The Psychological Record*, 64(3), 559-567. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40732-014-0059-2>. doi: 10.1007/s40732-014-0059-2
- *Fromene, R., & Guerin, B. (2014). Talking with Australian Indigenous Clients with a Borderline Personality Disorder Diagnosis: Finding the Context behind the Label. *The Psychological Record*, 64(3), 569-579. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40732-014-0058-3>. doi: 10.1007/s40732-014-0058-3
- Goldiamond, I. (1974). Toward a Constructional Approach to Social Problems: Ethical and Constructional Issues Raised by Applied Behavior Analysis. *Behaviorism*, 2(1), 1-84. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.5210/bsi.v11i2.92>.
- Goldiamond, I. (1976). Protection of Human Subjects and Patients: A Social Contingency Analysis of Distinctions between Research and Practice, and Its Implications. *Behaviorism*, 4(1), 1-41. Recuperado de: <https://www.jstor.org/stable/pdf/27758852.pdf?seq=1>.
- Goltz, S. (2020). On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion. *Perspectives on Behavior Science*. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40614-019-00240-z>. doi: 10.1007/s40614-019-00240-z
- *Gomes, H. C. R., & Costa, N. (2014). Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. *Acta Comportamentalia*, 22(1), 89-100. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/48853>.

- Goulart, P. R. K., Delage, P. E. G. A., Rico, V. V., & Brino, A. L. F. (2012). Aprendizagem. Em Silveira, E. F. M., Junior, F. B. A., & Priszkulnik, L. (Orgs.). *Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento*. (pp. 20-41). Rio de Janeiro, RJ: EDITORA GUANABARA KOOGAN LTDA.
- *Guerin, B., & Ortolan, M., O. (2017). Analyzing Domestic Violence Behaviors in their Contexts: Violence as a Continuation of Social Strategies by other means. *Behavior and Social Issues*, 26, 5-26. Recuperado de: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/bsi/article/view/6804>. doi: 10.5210/bsi.v.26i0.6804
- *Gutiérrez, E., C. (2012). Interacciones Sociales en Contingencias de cooperación y competencia: ¿Comportamiento Suplementario o Sustitutivo?. *Revista Mexicana de Análisis de La Conducta*, 38(2), 22-38. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rmac/article/view/63785>. doi: 10.5514/rmac.v38.i2.63785
- Guyau, J. M. (2014). *A irreligião do futuro: estudo sociológico*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1886).
- *Harlow, H. F. (1937). Experimental analysis of the role of the original stimulus in conditioned response in monkeys. *The Psychological Record*, 1(5), 62-68. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF03393191>. doi: 10.1007/BF03393191
- *Helfritz, L. E., Stanford, M. S., Conklin, S. M., Greve, K. W., Villemarette-Pittman, N. R., & Houston, R. J. (2006). Usefulness of Self-Report Instruments in Assessing Men Accused of Domestic Violence. *The Psychological Record*, 56(2), 171-180. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03395542>. doi: 10.1007/BF03395542

- *Holth, P. (2010). A Research Pioneer's Wisdom: An Interview with Dr. Murray Sidman. *European Journal of Behavior Analysis*, 11(2), 181-198. Recuperado de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15021149.2010.11434342>. doi: 10.1080/15021149.2010.11434342
- Instituto de Pesquisa Econômica, A. (2018). *Atlas da Violência 2018*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- Instituto de Pesquisa Econômica, A. (2019). *Atlas da Violência 2019*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- *Kahn, M. W., & Kirk, W. E. (1968). The Concepts of Aggression: A Review and Reformulation. *The Psychological Record*, 18(4), 559-573. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03393807>. doi: 10.1007/BF03393807
- Keeley, L. H. (2011). *A Guerra antes da Civilização: O Mito do Bom Selvagem*. São Paulo: É Realizações Editora. (Obra original publicada em 1996).
- *Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-36. Recuperado de: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/628>.
- Lowe, K. (2017). *Continente Selvagem: O caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (Obra original publicada em 2012).
- *Mattaini, M. A. (1996). Envisioning Cultural Practices. *The Behavior Analyst*, 19(2), 257-272. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03393168>. doi: 10.1007/BF03393168

- *Mattaini, M. A. (2003). Understanding and Reducing Collective Violence. *Behavior and Social Issues*, 12(2), 90-108. Recuperado de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/38>. doi: 10.5210/bsi.v12i2.38
- *Mattaini, M. A. (2003). Costructing Nonviolent Alternatives to Collective Violence: A Scientific Strategy. *Behavior and Social Issues*, 12(2), 148-163. Recuperado de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/41>. doi: 10.5210/bsi.v12i2.41
- *Mattaini, M. A. (2012). Guns: The Data Tell Us.... *Behavior and Social Issues*, 21, 1-4. Recuperado de: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/bsi/article/view/4346/3410>. doi: 10.5210/bsi.v21i0.4346
- *Mattaini, M. A. (2013). Editorial: Costructing Justice. *Behavior and Social Issues*, 22, 1-4. Recuperado de: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/bsi/article/view/5028>. doi: 10.5210/bsi.v.22i0.5028
- *Mattaini, M. A., & Aspholm, R. (2016). Contributions of Behavioral Systems Science to Leadership for a New Progressive Movement. *The Behavior Analyst*, 39(1), 109-121. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40614-015-0043-4>. doi: 10.1007/s40614-015-0043-4
- *Mayer, G. R. (1995). Preventing Antisocial Behavior in the Schools. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 28(4), 467-478. Recuperado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1901/jaba.1995.28-467>. doi: 10.1901/jaba.1995.28-467
- *Mestre, M., Rhrbacher, C. L., Oliveira, A., Macedo, D., Montenegro, I., Bin, I. L., Gomes, J., Mayer, M., Baierski, N., & Proêncio, V. (2004). *Pitboys*: infrações de trânsito, um exemplo de violência urbana. Em Brandão, M. Z. da S., Conte, F. C. de S., Brandão, F. S., Ingberman, Y. K., Moura, C. B., Silva, V. M., & Oliane, S. M. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 14. Estendendo a psicologia comportamental e*

cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas (pp. 48-55). Santo André, SA: Esetec.

- *Miller, K. B., Lund, E., & Weartherly, J. (2012). Applying Operant Learning to the Stay-Leave Decision in Domestic Violence. *Behavior and Social Issues*, 21, 135-151. Recuperado de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/4015>. doi: 10.5210/bsi.v21i0.4015
- *Murrell, A. R., Christoff, R., M. M. K. A., & Henning, K. R. (2005). When Parents Model Violence: The Relationship between Witnessing Weapon Use as a Child and Later Use as an Adult. *Behavior and Social Issues*, 17(2), 128-133. Recuperado de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/359>. doi: 10.5210/bsi.v14i2.359
- *Myers, D. L. (1995). Eliminating the Battering of Women by Men: Some Considerations for Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 28(4), 493-507. Recuperado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1901/jaba.1995.28-493>. doi: 10.1901/jaba.1995.28-493
- *Namo, D., & Banaco, R. A. (1999). Contribuições do modelo de coerção de Sidman para a análise da violência de São Paulo: relação com o contexto sócio-político-econômico. In Kerbauy, R. R., & Wielenska, R. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 4. Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação* (pp. 192-206). Santo André, SA: Esetec.
- *Navarick, D. J. (2012). Historical Psychology and the Milgram Paradigm: Tests of an Experimentally Derived Model of Defiance Using Accounts of Massacres by Nazi Reserve Police Battalion 101. *The Psychological Record*, 62(1), 133-154. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03395793>. doi: 10.1007/BF03395793

- *Neto, M. B. C., Alves, A. C. P., & Baptista, M. Q. G. (2007). A "consciência" como suposto antídoto para a violência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 27-44. Recuperado de: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/144>.
- *Nietzel, M. T., & Himelein, M. J. (1987). Crime Prevention Through Social and Physical Environmental Change. *The Behavior Analyst*, 10(1), 69-74. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03392408>. doi: 10.1007/BF03392408
- Norberg, J. (2017). *Progresso: Dez razões para acreditar no futuro*. Rio de Janeiro: Editora Record. (Obra original publicada em 2016).
- Palmer, D. C. (2011). Consideration of Private Events is Required in a Comprehensive Science of Behavior. *The Behavior Analyst*, 34(2), 201-207. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF03392250>. doi: 10.1007/BF03392250
- Palmer, D. C., & Donahoe, J. W. (1992). Essentialism and selectionism in cognitive science and behavior analysis. *American Psychologist*, 47(11), 1344-1358. doi: 10.1037//0003-066x.47.11.1344
- *Pennypacker, H. S. (1986). The Challenge of Technology Transfer: Buying Without Selling Out. *The Behavior Analyst*, 9(2), 147-156. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03391940>. doi: 10.1007/BF03391940.
- *Pereira, C. M., & Gioia, P. S. (2010). Formação de professores em análise do comportamento para manejo de comportamentos considerados violentos de alunos. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 12(1/2), 121-145. Recuperado de: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/419>
- *Peterson, L., & Calhoun, K. (1995). On Advancing Behaviour Analysis in the Treatment and Prevention of Battering: Commentary on Myers. *Journal of Applied Behavior*

Analysis, 28(4), 509-514. Recuperado de:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1901/jaba.1995.28-509>. doi:
10.1901/jaba.1995.28-509

Pinker, S. (2013). *Os Anjos Bons da Nossa Natureza: Por que a Violência diminuiu*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 2011).

*Prada, C. G., & Williams, L. C. A. (2007). Efeitos de um Programa de Práticas Educativas para monitoras de um abrigo infantil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 63-80. Recuperado de:
<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/146>

Ribeiro, W. S., Mari, J. J., Quintana, M. I., Dewey, M. E., Evans-Lacko, S., Vilete, L. M. P., Figueira, I., Bressan, R. A., Mello, M. F., Prince, M., Ferri, C. P., Coutinho, E. S. F., & Andreoli, S. B. (2013). The Impact of Epidemic Violence on the Prevalence of Psychiatric Disorders in São Paulo and Rio de Janeiro, Brazil. *PLOS ONE*, 8(5), 1-13. Recuperado de:
<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0063545> doi:
10.1371/journal.pone.0063545

Ríos, V. (2016). The impact of crime and violence on economic sector diversity.

*Roche, B., & Barnes, D. (1998). The Experimental Analysis of Human Sexual Arousal: Some Recent Developments. *The Behavior Analyst*, 21(1), 37-52. Recuperado de:
<https://link.springer.com/article/10.1007/BF03392779>. doi: 10.1007/BF03392779

*Ruiz, M. (2009). Beyond the Mirrored Space: Time and Resistance in Feminist Theory. *Behavior and Philosophy*, 37, 141-147. Recuperado de
<http://www.jstor.org/stable/41472428>.

*Sanguinetti, A. (2014). Functional Analysis of Labeling Acts of Sexual Violence: A Commentary on Sasson and Paul. *Behavior and Social Issues*, 23, 50-51. Recuperado

de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/5534>. doi:
10.5210/bsi.v.23i0.5534

*Sasson, S., & Paul, L. A. (2014). Labeling Acts of Sexual Violence: What Roles Do Assault Characteristics, Attitudes, and Life Experiences Play. *Behavior and Social Issues*, 23, 35-49. Recuperado de: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/bsi/article/view/5215>. doi: 10.5210/bsi.v.23i0.5215

Schlinger, H. D. (2018). The Heterodoxy of Behavior Analysis. *Archives of Scientific Psychology*, 6(1), 159-168. Recuperado de: <https://psycnet.apa.org/record/2018-57933-001>. doi: 10.1037/arc0000051

Sen, A. (2010). *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia de Bolso. (Obra original publicada em 1999).

Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editora Livro Pleno. (Obra original publicada em 1989).

*Signal, T. & Taylor, N. (2008). Propensity to Report Intimate Partner Violence in Australia: Community Demographics. *Behavior and Social Issues*, 17(1), 8-19. Recuperado de: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/view/1759>. doi: 10.5210/bsi.v17i1.1759

*Silvares, E. F. M. (2004). Avaliação diagnóstica do abuso físico na infância: implicações clínicas e de pesquisa. Em Brandão, M. Z. S., Conte, F. C. S., Brandão, F. S., Ingberman, Y. K., Moura, C. B., Silva, V. M., & Oliane, S. M. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 14. Estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos de saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas* (pp. 19-37). Santo André, SA: Esetec.

- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: APPLETON-CENTURY-CROFTS, INC.
- *Soares, P. F. R., & Goulart, P. R. K. (2015). Agressão induzida no JEAB: Um levantamento de publicações. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11(1), 93-100. Recuperado de: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/2360>. doi: 10.18542/rebac.v11i1.2360
- *Soares, P. F. R., & Neto, M. B. C. (2016). Agressão e Análise do Comportamento: A história do Modelo "Pain-Aggression". *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 12(1), 65-74. Recuperado de: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/4024>. doi: 10.18542/rebac.v12i1.4024
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213-222. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000300003.
- *Valentim, M. G., & Valle, A. C. R. (2004). Análise funcional de um caso de agressividade e mentira na infância. Em Brandão, M. Z. S., Conte, F. C. de S., Brandão, F. S., Ingberman, Y. K., Moura, C. B., Silva, V. M., & Oliane, S. M. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 14. Estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas* (pp. 56-60). Santo André, SA: Esetec.
- *Valentim, M. G. (2005). Violência e omissão: como fica o behaviorista?. Em Guilhardi, H. J., & Aguirre, N. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 16. Expondo a variabilidade* (pp. 116-121). Santo André, SA: Esetec.

- *Weatherly, J. N., Plumm, K. M., & Derenne, A. (2011). Delay Discounting and Social Policy Issues. *The Psychological Record*, 61(4), 527-546. Recuperado de: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03395775>. doi: 10.1007/BF03395775
- *Williams, L. C. A. (2001). Violência doméstica: Há o que fazer?. Em Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Queiroz, P. P., & Scoz, M. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Vol. 7. Expondo a variabilidade* (pp. 1-12). Santo André, SA: Esetec
- World Healthy, O. (2008). *Manual for estimating the economic costs of injuries and self-directed violence*. Genebra: World Healthy Organization.
- Zilio, D., & Carrara, K. (2008). Mentalismo e explicação do comportamento: aspectos da crítica behaviorista radical à ciência cognitiva. *Acta Comportamentalia*, 16(3), 399-417. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/18121>.
- Zilio, D. (2019). O que nos torna analistas do comportamento? A teoria como elemento integrador. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 233-249. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69862/61629>.

Apêndice

Textos e Objetivos das Pesquisas			
Empíricos Experimentais - 1	Assunto	Violentador	Vítima
EX1	Estudar o desenvolvimento do condicionamento de medo em macacos	Pesquisador	Sujeitos amostrais (macacos)
EX2	Frequência da resposta agressiva entre homens e mulheres operacionalizada a partir do Paradigma da Subtração de Pontos por Agressão	Participante	Participante
EX3	Avaliar a relação entre a provocação da resposta agressiva e sua frequência	Participante	Participante
EX4	Avaliar a frequência da resposta agressiva de subtração de pontos em outros participantes de acordo com o Paradigma da Subtração de Pontos por Agressão	Participante	Participante
EX5	Avaliar a influência da cultura no despertar sexual e possível formação de fetiches a partir da Teoria dos Quadros Relacionais	População masculina	População feminina
EX6	Avaliar a relação entre retardo nos ganhos monetários associado a posição em certas políticas públicas	–	–
EX7	Avaliar quais escolhas dadas de crianças poderiam adotar na montagem de um quebra-cabeças	Participante	Participante
EX8	Avaliar os efeitos da aplicação de oxitocina em participantes diagnosticados com Transtorno da Personalidade Antissocial	Pessoas com desordens psiquiátricas	População em risco de ser agredida por pessoas com desordens psiquiátricas

Textos e Objetivos das Pesquisas			
Empíricos não- Experimentais - 2	Assunto	Violentador	Vítima
ENE1	Discutir e definir uma definição específica ao comportamento lesivo agressivo	–	–
ENE2	Relatar a vivência do luto entre mulheres irlandesas do norte que perderam pessoas próximas pela violência sectária	Extremistas políticos	Extremistas e vítimas inocentes, companheiras parentes das

			vítimas imediatas
ENE3	Relatar o <i>locus</i> de culpa para a comissão de crimes a partir das entrevistas com ofensores legais jovens e seus parentes	Participantes (inclusive pais)	Vítimas dos participantes
ENE4	Relatar um perfil dos jovens ofensores que transgrediram a lei de trânsito e passavam por um programa de reciclagem de educação das normas no trânsito	"Pitboys"	Usuários do trânsito
ENE5	Relatar a modelação na agressão de mulheres no comportamento de ofensores que presenciaram a agressão a suas cuidadoras por seus parceiros íntimos durante a infância	Participantes e cuidadores dos participantes durante a infância daqueles	Os próprios participantes
ENE6	Relatar a possibilidade de agressão contra mulheres por parte de homens, mensurados a partir de instrumentos voltados à avaliação da agressividade	Participantes	Ex-companheiras dos participantes
ENE7	Avaliar a propensão de relatar violência contra mulheres em uma comunidade australiana.	Parceiro Íntimo	Companheiras
ENE8	Relatar a associação entre comportamentos ditos ciumentos e sua proximidade com violência contra a mulher	Parceiro Íntimo	Companheiras
ENE9	Levantamento feito para rotular quais comportamentos podem ser categorizados como violência sexual	–	–
ENE10	Relatar as histórias de vida dos participantes aborígenes em suas famílias adotivas brancas como parte da "Stolen Generation"	Famílias adotivas brancas e Agências Governamentais	Participantes aborígenes
ENE11	Relatar a concordância a regras descritivas sobre a violência contra a mulher por parceiro íntimo na Sociedade Ocidental entre uma amostra de estudantes universitários e não-universitários	Parceiro Íntimo	Companheiras
ENE12	Relatar a concordância a regras descritivas ocidentais sobre a violência contra a mulher por parceiro íntimo em uma amostra de estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior	Parceiro Íntimo	Companheiras

Textos e Objetivos das Pesquisas

Aplicados - 3	Assunto	Violentador	Vítima
API	O uso e retirada gradativa da restrição física em manicômios para pacientes violentos, como forma de minimização de comportamentos violentos	Instituição Manicomial e cuidadores mentais e o próprio paciente	O paciente e os cuidadores manicomiais

AP2	Proposta de apresentar as tecnologias analítico-comportamentais com seu devido background teórico para facilitar a adesão social às intervenções baseadas na Análise do Comportamento	Criminosos Urbanos	População Urbana
AP3	Relato do atendimento analítico-comportamental a mulheres vítimas de violência por parceiro e conhecidos íntimos	Parceiros e Conhecidos Íntimos	Companheiras
AP4	Relato da intervenção em familiares de crianças expostas a contextos socialmente precários e violentos	Cuidadores das crianças	Crianças em alta vulnerabilidade social
AP5	Descrição do atendimento a uma criança adotada e investigação da função por trás de sua agressividade	Pais e filhos adotivos	Pais e filha adotiva
AP6	Descrição do processo de evanescimento de um padrão fóbico socialmente generalizado adquirido após um assalto em contexto urbano por terapia analítico-comportamental	Assaltante	Idosa
AP7	Descrição da intervenção em um abrigo infantil para mitigar comportamento fisicamente punitivos contra as crianças abrigadas por parte de suas cuidadoras designadas	Pais e cuidadores	Crianças
AP8	Intervenção com professores de uma escola de ensino fundamental para ensino de técnicas baseadas na Análise do Comportamento com a finalidade de minimização de comportamentos agressivos pelos alunos	Alunos e comunidade escolar (em menor grau)	Professores e alunos

Textos e Objetivos das Pesquisas

Interpretativos - 4	Assunto	Violentador	Vítima
INT1	Discutir quais abordagens são as melhores para definir a agressão, escolhendo a abordagem do <i>estado motivacional</i>	Pesquisadores	Sujeitos amostrais (galinhas, pássaros, gatos, macacos, ratos, cobras tartarugas, hamsters, guaxinins, gambás, humanos)
INT2	Propor a alteração dos lares americanos para a mitigação de crimes em geral	Criminosos em geral	População Urbana

INT3	Afirmar que a Análise do Comportamento deve oferecer seu arcabouço teórico na mitigação da violência contra a mulher	Parceiros Íntimos	Companheiras
INT4	Comentário favorável a Myers (1995) sobre a aplicação da Análise do Comportamento na mitigação da violência contra as mulheres, compreendida a partir do background da Teoria dos Ciclos de Violência	Parceiros Íntimos	Companheiras
INT5	Proposta de aplicar a Análise do Comportamento na extinção de comportamentos antissociais no contexto escolar	Alunos	Outros alunos e comunidade escolar
INT6	Interpretar a violência como uma prática cultural organizada em grupos nas áreas urbanas	Grupos criminosos urbanos	Grupos criminosos urbanos
INT7	Aplicar o conceito de coerção de Murray Sidman como forma de compreender a violência urbana	Criminosos urbanos	População Urbana
INT8	Estender o background teórico da Análise do Comportamento para compreender a violência nos veículos da imprensa	–	–
INT9	Aplicar o conceito de coerção de Murray Sidman para compreender a violência urbana na cidade de São Paulo, durante as décadas de 80 e 90	Criminosos Urbanos, forças policiais	Populações Urbanas e forças policiais
INT10	Revisar os relatos que operacionalizaram a violência em contextos laboratoriais para descobrir padrões na origem do comportamento violento	Pesquisadores	Sujeitos amostrais (ratos, macacos, pombos)
INT11	Comentário a Dillenburg e Keenan (2001) sobre o processo de luto	Grupos criminosos	Civis e forças policiais
INT12	Descrever algumas técnicas de contracontrole para medidas sociais aversivas	Instituições Governamentais e grupos de libertação	População civil e membros das instituições governamentais
INT13	Propor novas formas de resistência a grupos violentos, quer sejam agências do Estado até gangues de rua	Instituições Governamentais, grupos criminosos, torcidas	Populações civis e étnicas e membros de instituições governamentais
INT14	Delimitar o que é a violência coletiva e propor meios de mitigação da mesma	Instituições Governamentais, grupos criminosos	Populações civis e étnicas e membros de

			instituições governamentais
INT15	Descrever a forma de diagnóstico de abuso infantil em suas diferentes formas, quer sejam por negligência de cuidados, maus-tratos físicos e abusos sexuais	Cuidadores e pessoas em geral	Crianças
INT16	Propor a utilização da Análise do Comportamento na mitigação de comportamentos violentos em contextos escolares dos Estados Unidos da América	Estudantes	Estudantes
INT17	Aplicar o conceito de coerção de Sidman para compreender o que determina a decisão por deixar uma relação abusiva, violenta	Parceiro Íntimo	Companheira e filhos
INT18	Propor que os analistas do comportamento passem a usar sua ciência para solucionar os problemas sociais relacionados à violência	Agentes das Instituições Prisionais	População Prisional
INT19	Tornar nítido que o termo mentalista "consciência" é incapaz de ser uma solução para o problema da violência	Parceiros Íntimos	Companheiras
INT20	Usar o background teórico da Análise do Comportamento para mostrar que os efeitos extensíveis no tempo das relações abusivas contra mulheres podem acarretar em formas de resistência violentas contra o abusador	Parceiros Íntimos	Companheiras
INT21	Uma entrevista com o pesquisador de longa data sobre Equivalência de Estímulos e Coerção, Murray Sidman	Estudantes	Comunidade Escolar em geral
INT22	Uma descrição das variáveis que determinam a possibilidade de depressão em mulheres, dentre elas a violência (sobretudo a doméstica, sexual e/ou emocional)	Parceiro Íntimo e outros agressores	Companheiras
INT23	Aplicar o Paradigma Operante e a Teoria dos Ciclos de Violência para compreender as determinações em deixar ou ficar em um relacionamento abusivo	Parceiro Íntimo	Companheiras
INT24	Editorial que objetivou chamar atenção às poucas informações quanto à violência por armas de fogo nos Estados Unidos da América	Estudantes	Comunidade Escolar
INT25	Analisar o Experimento da Obediência de Milgram à luz do massacre contra judeus poloneses perpetrado pelo Batalhão 101 de Policiais Reformados Nacional-Socialistas	Policiais Reformados	Judeus poloneses
INT26	O editorial objetivou conscientizar sobre a necessidade de construir sociedades socialmente justas	Instituições Governamentais, grupos terroristas e criminosos em geral	Populações étnicas e civis em geral
INT27	O texto objetivou examinar a Literatura sobre pacientes aborígenes australianos da "Stolen Generation" diagnosticados com Transtorno da Personalidade Borderline a partir do arcabouço teórico da Análise do Comportamento e a Teoria dos Ciclos de Violência	Famílias adotivas brancas e Instituições Governamentais	Aborígenes australianos
INT28	Um comentário sobre o trabalho de Sasson e Paul (2014) que dissertou sobre a diversidade das topografias de estupro e a necessidade de unificação terminológica quanto a essa classe comportamental	Criminosos sexuais	Vítimas de estupro
INT29	Descrever o desenvolvimento do termo agressão induzida a partir de publicações do Journal of Experimental	Pesquisadores	Sujeitos

Analysis of Behavior			amostrais (ratos, gatos, macacos, pombos, tartarugas, humanos)
INT30	Aplicar o arcabouço teórico da Análise do Comportamento na análise do comportamento homofóbico	Discriminadores homofóbicos	Homossexuais
INT31	Descrever a história do modelo "Pain-Aggression" na Análise do Comportamento a partir da leitura dos livros-texto da presente corrente	Pesquisadores	Sujeitos amostrais (camundongos, ratos, pombos, macacos-de-cheiro, gatos)
INT32	Os autores intentaram fornecer uma base analítico-comportamental para que os movimentos sociais sejam efetivos em sua proposta de reforma social	Gangues e grupos criminosos em geral	População civil
INT33	O texto objetivou fornecer uma classificação dos comportamentos abusivos em relações amorosas, do comportamento abusivo mais sutil até a aberta agressão física	Parceiro Íntimo	Companheiras

Definições e Compreensões sobre Violência

Empíricos Experimentais - 1	Definição Explícita	Compreensão Tácita	Contexto
EX1	–	Violência como agressão física	Restrição física de macacos <i>rhesus</i> e <i>nemistrinus</i> para condicionamento de medo por substituição de estímulos
EX2	–	Violência como função do comportamento lesivo agressivo	Uso do Paradigma de Subtração de Pontos por Agressão para mensurar as diferenças em respostas agressivas de homens e mulheres
EX3	–	Violência como função do comportamento lesivo agressivo	Avaliação da provocação da resposta agressiva por sua frequência
EX4	–	Violência como função do comportamento lesivo agressão, e igualado ao comportamento de fuga	Resposta agressiva cometida contra outro participante avaliada a partir do Paradigma de Subtração de Pontos por Agressão
EX5	–	Violência como atos lesivos e	O despertar sexual analisado pela Teoria dos

EX6	–	diferenciada da função coerciva Violência como comportamento lesivo, especialmente contra mulheres	Quadros Relacionais A relação entre atrasar a recompensa (ganho monetário) e políticas públicas vistas como progressistas
EX7	–	Violência como comportamento lesivo físico	Doze díades de 24 crianças postas para cooperar ou competir pela consecução de um quebra-cabeça
EX8	Aggression can be defined as the presentation of an aversive stimulus by one individual to another individual, who finds the aversive stimulus harmful and would seek to avoid it . . .	–	Inalação de oxitocina e especificação dos seus efeitos em pacientes com alta agressividade atribuída ao diagnóstico de Transtorno da Personalidade Antissocial

Definições e Compreensões sobre Violência

Empíricos não-Experimentais - 2	Definição Explícita	Compreensão Tácita	Contexto
ENE1	–	Comportamento agressivo compreendido em polos dicotomicamente opostos (bom/mau)	Discussão conceitual sobre os usos do termo agressão
ENE2	–	Violência como comportamento social praticado entre grupos religiosos e comunitários distintos	A violência sectária na Irlanda do Norte
ENE3	–	Violência como atos delituosos contra pessoas e suas propriedades e compreendida como resultado da coerção	A criminalidade de jovens adolescentes no meio urbano brasileiro no início da década de 2000
ENE4	A violência pode ser definida como: 1. Qualidade do violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Constrangimento físico e moral; uso da força, coação (Ferreira, A. B. de H., 1975, pp. 14-63). Em todas estas definições a violência, enquanto jogo de força (ou poder) com intuito de se conseguir algo ou situação, implica num abuso do limite de liberdade e ou integridade do oponente, desde a coação até a subtração dos bens ou, no seu extremo, da vida de outrem	–	A violência no trânsito nos meios de locomoção automotiva brasileiros no início da década de 2000

ENE5	–	Violência como comportamento lesivo físico, mas diferenciado de agressão	Entrevistas realizadas com apenas aqueles que testemunharam violência física contra suas cuidadoras durante a infância
ENE6	–	Violência como larga panóplia de comportamentos lesivos contra a mulher	Entrevistas e aplicações de instrumentos padronizados para mensurar a possibilidade de violência contra a mulher em homens com histórico de violência
ENE7	–	Violência como comportamento lesivo dentro de relações entre parceiros amorosos, com a mulher como vítima	Entrevistas realizadas com uma população de classe média australiana
ENE8	Na perspectiva da Análise do Comportamento, referencial usado nessa pesquisa, o fenômeno da violência é analisado como sinônimo de coerção, tal como propuseram Andery e Sérgio (2001). Coerção, por sua vez, de acordo com Sidman (1989/2003), diz respeito às ações que são controladas por reforçamento negativo ou punição.	–	Entrevistas realizadas com mulheres brasileiras de baixa renda sobre as violências sofridas mediadas pelo ciúme de seus companheiros
ENE9	–	Violência especificada como vários atos sexuais não pretendidos por uma das partes	Entrevistas realizadas com trabalhadores do setor de serviço nos Estados Unidos da América para acessar suas considerações acerca do que é um ato sexual abusivo
ENE10	–	Violência como comportamento extensível no tempo envolvido na supressão de direitos de uma população aborígine	Entrevistas realizadas com cinco aborígenes australianos para acessar os contextos que determinaram seu diagnóstico de Transtorno da Personalidade Borderline
ENE11	<i>A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher</i> , mais conhecida como <i>Convenção de Belém do Pará</i> (1994), define violência contra a mulher como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”	–	Questionários aplicados em 252 estudantes universitários e pessoas não universitárias brasileiros com o objetivo de acessar suas crenças que legitimam a violência contra a mulher
ENE12	Além da presença do controle instrucional, a Análise do Comportamento entende o fenômeno da violência como sinônimo de coerção (Andery & Sérgio, 1997). Este conceito é apontado por Sidman (1989/2003) como o “uso da punição e da ameaça de punição para conseguir que os outros ajam como nós gostaríamos	–	Questionários aplicados a 223 estudantes do Ensino Fundamental II, Médio e Superior de ambos os sexos das cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE)

e a nossa prática de recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças"

Definições e Compreensões sobre Violência

Aplicados - 3	Definição Explícita	Compreensão Tácita	Contexto
AP1	–	Violência como forma de lesão física	Pacientes psiquiátricos restringidos fisicamente como fim de cessação de surtos agressivos em instituições manicomiais
AP2	–	Violência como atos delituosos cometidos em meios urbanos	Violência urbana nos Estados Unidos da América na segunda metade da década de 80
AP3	–	Violência como comportamento lesivo cometido, sobretudo, contra mulheres por parceiro íntimo	Violência contra mulheres cometida por parceiro íntimo dentro do ambiente doméstico-familiar e/ou amoroso no Brasil da década de 90 e atendidas por terapia analítico-comportamental em meio universitário
AP4	–	Violência como comportamento lesivo físico	Famílias em estado de precariedade social nos Estados Unidos da América em inícios do ano 2000 que sofreram intervenções para minimização da violência
AP5	–	Violência como agressão física e verbal	Atendimento psicoterapêutico a uma família brasileira de classe média que adotou um casal de irmãos que respondiam agressivamente à coercitividade das relações familiares
AP6	–	Violência como atos delituosos cometidos em meio urbano	Atendimento psicoterapêutico a idosa com fobia social generalizada em decorrência de assaltos
AP7	–	Violência como atos lesivos físicos e verbais e uso próximo de coerção	Intervenção em abrigo infantil com atos violentos entre as cuidadoras e as crianças
AP8	De acordo com o modelo de violência descrito por Sidman (2001/1989), a agressão pode ser entendida como produto de controle aversivo. / [...] comportamentos definidos como violência psicológica, quando analisados funcionalmente, encaixam-se na	–	Intervenção e ensino com professores para ensiná-los a identificar e minimizar os efeitos da violência na escola entre alunos

definição de coerção de Sidman (1989; 2003).

Definições e Compreensões sobre Violência

Interpretativos - 4	Definição Explícita	Compreensão Tácita	Contexto
INT1	To complete our definition and formulation of aggressive drive we propose the following: Aggressive drive is an inborn, biologically rooted, directionally oriented energizer of behavior that is elicited by frustration of other drives and needs necessary to the survival of the species and the individual organism. Aggressive drive functions to serve, support, and insure success of these other drives and needs by assertive means up to destructive force.	–	Discussão conceitual que critica as abordagens da Teoria Psicanalítica, da Hipótese da Frustração-Agressão e Eliciação de Estímulos para fundamentar a perspectiva da Teoria do Drive como mais correta para entender o comportamento agressivo
INT2	–	Violência como comportamento lesivo em ambientes familiares	Proposta de redução da violência criminosa por meio da alteração dos ambientes em suas esferas sociais e físicas, quanto à arquitetura das casas estado-unidenses
INT3	–	Violência como atos lesivos especificamente contra a mulher	As múltiplas violências (físicas, estupro, assédios morais) contra as mulheres durante até a primeira metade da década de 90 nos Estados Unidos da América
INT4	–	Violência como uma classe de repostas, eliciado por estímulos aversivos para o violentador	Os ciclos de violência que tornam tal comportamento adaptativo para o seu perpetrador sobretudo no meio doméstico, familiar, contra mulheres
INT5	–	Violência foi tratada como mais um aspecto decorrente do Transtorno da Personalidade Antissocial, acompanhada a outros desvios. O termo esteve associado a agressão	A violência nas escolas estado-unidenses durante a primeira metade da década de 90
INT6	Cultural practices include patterns of social exchange (kindness, some forms of violence), language, political action, and many other extraordinarily complicated social conditions and events	–	A violência entre as gangues de rua nos Estados Unidos da América da primeira metade até o início da segunda metade da década de 90

INT7	Entendemos violência como sinônimo de coerção, tal como Sidman (1989) utiliza o termo: como a presença de controle aversivo em nossas interações com outros homens e com a natureza. E controle aversivo envolve punição, reforçamento negativo (fuga e esquiva) e privações socialmente impostas.	–	A violência urbana no Brasil durante a década de 90
INT8	–	Violência como atos lesivos físicos veiculados pela imprensa ao seu público consumidor	A exposição à violência brasileira veiculada nos veículos de imprensa da década de 90
INT9	–	Violência dentro do modelo de coerção de Murray Sidman	O aumento da violência urbana especificamente na cidade de São Paulo da década de 90
INT10	A agressão pode ser definida como um comportamento associado à apresentação de estimulação aversiva a outro organismo; esta definição evita referências a fatores motivacionais como intenção de causar danos. Considerando esta definição adequada, porém ampla, e na intenção de ter uma resposta o mais definida possível para observação e análise, usaremos a resposta de ataque, como referência de agressividade	–	A violência cometida entre outros animais em arranjos laboratoriais
INT11	–	Violência como atos lesivos fatais contra grupos distintos	A violência sectária da Irlanda do Norte contra outros grupos criminosos e civis e governamentais
INT12	–	Violência como mais uma forma de contracontrole em resistência a medidas aversivas	A violência genericamente dada como uma resposta legítima dentre as várias formas de contracontrole a medidas governamentais aversivas
INT13	Collective violence (including terrorism, gang violence, civil war, separatist ethnic and religious conflicts, and government sponsored wars) is a central concern of the 21st century.	–	A violência coletiva cometida entre grupos sociais como um evento macrossocial
INT14	Collective violence (terrorism, gang warfare, war, and genocide) is clearly an increasingly serious concern in much of the world.	–	A violência coletiva cometida entre grupos sociais como um evento macrossocial
INT15	... o abuso infantil pode ser definido como o grau com que os pais usam estratégias de controle com sua criança e/ou falham em prover padrões mínimos de cuidados e de conforto .../ Em outras palavras, o abuso é compreendido como uma forma extremada de controle aversivo, alcançado a partir de interações cada vez mais conflitantes, sem restrições aos mecanismos psicológicos correlatos à falta de	–	A violência cometida de diferentes formas contra crianças por seus cuidadores, sobretudo em ambiente familiar

	controle (p.ex.: processos cognitivos, respostas emocionais).		
INT16	–	Violência como atos lesivos físicos e morais	A violência física e verbal cometida entre estudantes do meio estudantil estado-unidense até a primeira metade da década de 2000
INT17	–	Violência compreendida a partir do modelo de Murray Sidman sobre as punições físicas proximais (agressões físicas) e distais (escalada dos atos lesivos físicos)	Relações conjugais cronicamente violentas entre casais (especialmente heterossexuais) estado-unidenses até a primeira metade da década de 2000
INT18	–	Violência como comportamentos que ocorrem em função de controle aversivo. Esteve associada ao termo agressão	A violência cometida na sociedade brasileira até a primeira metade da década de 2000
INT19	... A violência poderia ser vista assim como um sinônimo de coerção./ O que seria a violência? Em última análise, seria um conjunto de relações organismo/ambiente (comportamentos) envolvendo algum tipo de função coercitiva.	–	A violência cometida na sociedade brasileira até o início da segunda metade da década de 2000 em relação à ineficiência das políticas públicas para sua contenção
INT20	–	Violência como atos lesivos físicos e verbais objetivando a restrição de direitos da mulher	Casos de violência contra a mulher cronicamente acompanhados de assassinatos de seus violentadores que configuram a Síndrome da Mulher Agredida
INT21	–	Violência como atos lesivos físicos voltados a expressão midiática	Atos terroristas midiáticos nos Estados Unidos da América
INT22	–	Violência como atos lesivos físicos e verbais que aumentam a probabilidade de desenvolvimento de depressão	A violência cometida imediatamente por parceiros íntimos (e na sociedade em geral, como contexto do trabalho) contra suas companheiras no aumento da probabilidade de desenvolver depressão
INT23	–	Violência como atos lesivos físicos e verbais que crescem	Relacionamentos abusivos pelos quais a mulher é enredada em um ciclo de

INT24	–	em severidade dentro de relações conjugais-amorosas Violência como atos lesivos físicos cometidos pelo uso de armas de fogo	dependência emocional e social do parceiro, em ciclos de violência A inexistência dos dados populacionais nos Estados Unidos da América sobre a violência cometida com armas de fogo
INT25	–	Violência como atos lesivos físicos contra grupos com menor poder político	A comparação entre os eventos da obediência à hierarquia em uma chacina genocida de judeus poloneses por um Batalhão Policial reformado Nacional-Socialista e o experimento de Milgram
INT26	Collective violence, including political repression, war, genocide, and violence associated with drug, human and weapons trafficking / All of the issues noted are the product of established patterns of transactions among human behavioral systems, which are responsible for shaping the “villains” and marginalizing entire populations while privileging others. The results of these patterns are what physician and human rights advocate Paul Farmer terms “structural violence,” ...	–	A desigualdade de poderes políticos e econômicos mantidos com fins de perpetuar privilégios contra populações desfavorecidas de representação política
INT27	–	Violência como atos lesivos físicos e verbais cometidos contra uma comunidade étnica por sua distinção física	Os contextos que acompanham a violência crônica contra aborígenes australianos que ocasionaram o desenvolvimento de Transtorno da Personalidade Borderline como forma adaptativa de lidar com a violência sofrida internalizada
INT28	Effective January, 2013, the Federal Bureau of Investigation Uniform Crime Reporting Program (UCR; Federal Bureau of Investigation, 2013) recently changed its 80-year-old definition of rape (“The carnal knowledge of a female forcibly and against her will”; FBI). UCR explains, “Many agencies interpreted this definition as excluding a long list of sex offenses that are criminal in most jurisdictions, such as offenses involving oral or anal penetration, penetration with objects, and rapes of males.” The new definition is: “Penetration, no matter how slight, of the vagina or anus with any body part or object, or oral penetration by a sex organ of another person, without the consent of the victim.”	–	A busca por uma definição legal e funcionalmente analítico-comportamental de estupro que seja suficientemente ampla para enquadrar diferentes topografias de violência sexual
INT29	–	Agressão induzida	A discussão sobre as determinações da

		compreendida como efeito da extinção operante e apresentação de estímulos aversivos	Agressão Induzida em um periódico específico de Análise do Comportamento voltado a Análise Experimental do Comportamento
INT30	<p>Definindo o fenômeno em termos da análise do comportamento, como sendo um conjunto de comportamentos complexos, envolvendo comportamentos operantes e respostas emocionais, relativos às varias modalidades de agressão (seja física, psicológica ou sexual) contra indivíduos homossexuais ou que se identifiquem com a cultura homossexual, relacionando-se com o conceito de controle aversivo. Ao agressor, a presença de homossexuais poderia ser considerada aversiva, havendo, portanto, uma maior probabilidade de que o sujeito se comporte de forma agressiva. / Já a violência psicológica caracteriza-se por danos à individualidade, à autoestima, à moral ou à socialização, através de atos que menosprezem, degradem, humilhem, aterrorizem, negligenciem, rejeitem, ridicularizem, ignorem ou isolem outro individuo (Day et al., 2003; Kairys, Johnson, & Committee on Child Abuse and Neglect, 2002). Também se pode falar em violência sexual, a qual se configura como a exposição de outrem a conteúdos ou atos sexuais, valendo-se de força física ou mesmo de pressões psicológicas para tal (Day et al., 2003).</p>	–	<p>Forma de violência contextualizada em seus aspectos, sobretudo, verbais/psicológicos e físicos contra homossexuais por pessoas alheias às práticas homoafetivas, especialmente no Brasil, derivada de uma cultura preconceituosa a esse grupo</p>
INT31	–	Violência como atos lesivos que comportam a agressão em sua caracterização	A história do Modelo Pain-Agression dentro da Análise Experimental do Comportamento
INT32	<p>Farmer's definition of structural violence describes structural arrangements that privilege some, while denying others—the poor, people of color, women, and children, for example—elementary freedoms or leaving them at high risk for serious illness, injury, or early death, characterizing these as pathologies of power. Among these populations are young people dying in street violence, as most such violence is largely an outcome of personal, intergenerational, and community experiences of exclusion and marginalization (Aspholm in preparation; Hagedorn2008). The United Nations Office on Drugs and Crime's 2011 Global Study on Homicide, for example, concluded that interpersonal violence is Brooted in contexts of paucity and deprivation, inequality and injustice, social</p>	–	<p>A desigualdade de poderes políticos e econômicos mantidos com fins de perpetuar privilégios contra populações desfavorecidas de representação política, mas derivando a violência interpessoal que acontece entre essas mesmas comunidades desfavorecidas</p>

marginalization, low levels of education and a weak rule of law (p.29).

INT33	–	Violência como restrições crescentes de direitos da mulher que podem desenrolar em atos lesivos físicos abertos em uma relação abusiva	Sociedades estruturalmente baseadas em normas machistas que aumentam a frequência/prevalência de agressão específica às mulheres
--------------	---	--	--

Topografias e Funções dos Comportamentos Violentos

Empíricos Experimentais - 1	Topografias	Função	
		Para o violentador	Para a vítima
EX1	Toque de sino, tiro de instrumento de sopro, alta emocionalidade, instabilidade, catatonia, respostas de medo, "extrema violência"	Instaurar um repertório de medo pelo pareamento de estímulos	Estimulação aversiva que levou a comportamentos objetivando fuga/esquiva e luta
EX2	Respostas de fuga e agressão	Punição com a retirada de pontos do outro participante	Punição com a perda de pontos
EX3	Resposta agressiva, auto-agressão	Punição com a retirada de pontos do outro participante	Punição com a perda de pontos
EX4	Resposta agressiva, auto-agressão	Punição com a retirada de pontos do outro participante	Punição com a perda de pontos
EX5	Coerção sexual, estupro, "atos de violência"	Gratificação sexual e dominância sexual-social	Estimulação aversiva pelo acréscimo de punição sexual
EX6	Indiciamento de violentadores domésticos	Dominância na relação	Temor de escalada da violência
EX7	Arrebatação abrupta de peças de quebra-cabeças, "comportamento violento"	Conclusão de um quebra-cabeça com efetividade	Punição negativa por retirada de uma peça e não-conclusão da atividade
EX8	"Agressão"	Uso de violência para angariar reforçadores	Ceder naquilo que é desejado para o violentador e

permanecer
relativamente
incólume

Topografias e Funções dos Comportamentos Violentos

Empíricos não- Experimentais - 2	Topografias	Função	
		Para o violentador	Para a vítima
ENE1	"Violência na TV"	-	-
ENE2	Greves de fome, distúrbios sociais, terrorismo, chacinas, violência comunitária, política e sectária	Tentativa de atendimento das demandas sociais por vias não-pacíficas (contracontrole)	Punição positiva e negativa pela situação social insatisfatória
ENE3	Vandalismo, pequenos furtos, pichações de muro, homicídios com armas de fogo, bater	Reforçamento positivo pelos ganhos pecuniários e pessoais com os crimes	Punição negativa pela retirada dos bens
ENE4	Desrespeito à sinalização, abuso do álcool, acidentes que decorrem em mortes e ferimentos leves ou graves, "agressividade"	Reforçamento positivo pelo uso dos veículos contra o impedimento legal	Punição positiva pelo uso da via pública
ENE5	Violência verbal e física, "abuso", uso de armas (como armas de fogo ou facas)	Dominância na relação abusiva	Permanência na relação mediada pelo não-agravamento da violência
ENE6	"Agressão física e verbal"	Dominância na relação abusiva	Saída de uma relação abusiva
ENE7	"Violência por parceiro íntimo", violência contra crianças, idosos e animais	Dominância na relação abusiva	Permanência na relação pela falta de suporte social
ENE8	"Fenômenos, situações e atos de violência"	Punição derivada do comportamento ciumento na perpetuação da relação abusiva	Saída da relação abusiva na garantia de segurança social cedida pelo Estado
ENE9	Estupro, assalto sexual, uso de força, exposição a material sexual explícito, beijos, carícias, sexo feito sobre uso de força física, penetração oral, vaginal e anal não desejada ou feita em situações de	Gratificação sexual feita sem consentimento da outra parte	Punição pelos atos sexuais não

ENE10	inconsciência Espancamentos, negligência, estupros coletivos e violência sexual por toda a infância, suicídios, mortes violentas de parentes, retirada das famílias aborígenes genéticas	Dominância familiar e gratificação sexual	consensuais Punição crônica por diferença racial
ENE11	Brigas, "atos de violência"	Dominância familiar e controle do cotidiano da companheira	Punição positiva em situação aversiva para manutenção da relação
ENE12	Brigas, agressão verbal e física, insultos ou humilhações	Dominância familiar e controle do cotidiano da companheira	Punição positiva em situação aversiva para manutenção da relação

Topografias e Funções dos Comportamentos Violentos

Aplicados - 3	Topografias	Função	
		Para o violentador	Para a vítima
AP1	Agressão física	Gratificação pela agressão, eliminação da estimulação aversiva / Controle da agressão do paciente	Cuidado com a vítima do hospital psiquiátrico e com seus cuidadores
AP2	"Violência urbana"	Gratificação por um crime eficaz	Punição positiva por posse de bens em contextos urbanos
AP3	Negligência, agressões físicas e psicológicas, ameaça de suicídio	Dominância familiar para manutenção da relação abusiva	Punição positiva por permanecer na relação abusiva
AP4	"Violência"	Quaisquer agressões que levam a gratificações posteriores	Sofrer punição arbitrária de um agressor próximo
AP5	Agressões verbais e físicas, "brigas", negligência	Contracontrole às agressões anteriores	Punição de magnitude superior ao contracontrole exercido
AP6	Assalto	Gratificação pelos produtos do assalto eficaz	Desenvolvimento de Transtorno Social

			Fóbico como adaptação á condição generalizada da violência
AP7	"Agressões verbais excessivas", agressões físicas	Contracontrole pela agressão anterior e tentativa de conter o comportamento infantil	Punição de magnitude superior ao contracontrole exercido
AP8	Desacato, falta de respeito e agressão verbal ("violência moral"), agressão física	Gratificação ao eliminar a estimulação aversiva (contracontrole)	Punição pelo advento da estimulação aversiva ao agressor

Topografias e Funções dos Comportamentos Violentos

Interpretativos - 4	Topografias	Função	
		Para o violentador	Para a vítima
INT1	Gestos ameaçadores, palavras raivosas, criticismo intelectual, competição, fantasias e desejos à morte, agressão eliciada por dor, estimulação galvânica intracraniana, mordedura, luta	Gratificação pela mitigação/Eliminação da estimulação aversiva/ Aquisição de conhecimento	Ser punido por ser um apresentador de estimulação aversiva/ Ser alvo de esquemas comportamentos arranjados para descrever contingências
INT2	"Violência televisionada", "violência sexual", estupro	Gratificação pela eficácia do crime	Ser punida pela posse de propriedades desejadas pelos criminosos
INT3	Homicídio, perfurações do corpo, agarrões, empurrões, esbofetear, dar tapas, chutes, socos, espancamentos, sufocamentos, ameaças com armas brancas e de fogo	Manutenção de um ambiente abusivo para a permanência da mulher na relação	Permanência em relações abusivas para mitigar a possibilidade de agravamento
INT4	"Abuso emocional", esbofeteamento a golpes com braços, cotovelos, joelhos e pés	Manutenção de um ambiente abusivo para a permanência	Permanência em relações abusivas

		da mulher na relação	para mitigar a possibilidade de agravamento
INT5	"Vandalismo", "Agressão", "Violência"	Eliminação/Mitigação da estimulação aversiva do meio educacional	Ser punido pela apresentação de estimulação aversiva ao agressor
INT6	"Atos de violência de gangues", "Atos de violência de rua"	Adaptar-se ao meio violento em que se formou ontogeneticamente	Ser vítima de punição por sua aversividade e controlar com violência
INT7	Ameaças, respostas de agressão, ataque, assaltos, motins, homicídios, sequestros	Gratificação pela ocorrência do crime eficaz/ Eliminação da estimulação aversiva (Contracontrole)	Fuga/Esquiva da violência por ser motivo de estimulação aversiva
INT8	Massacre, assassinato, matança, chacina	Eliminação da fonte de estimulação aversiva	Contracontrole à tentativa de eliminação por estimulação aversiva
INT9	Furtos, roubos, furtos e roubos de veículos, roubos a instituições financeiras, mortes por acidentes de veículos, assassinatos, suicídios, latrocínios, sequestros	Contracontrole a uma situação de privação econômica	Contracontrole como resposta à tentativa de eliminação/mitigação da estimulação aversiva
INT10	Respostas de ataque, patadas, mordidas, bicar	Eliminação da estimulação aversiva (Contracontrole)	Contracontrole à punição sofrida
INT11	Assassinatos, homicídios, ataques terroristas, explosões de bombas, incêndios provocados intencionalmente, greves de fome, mortes violentas	Eliminação da fonte de estimulação aversiva (Contracontrole)	Contracontrole à punição sofrida
INT12	Sabotagem, destruição maliciosa, luta	Manutenção das situações de privilégio social	Eliminação da fonte de estimulação aversiva que o oprime (Contracontrole)
INT13	Genocídios, terrorismo, violência de gangues, guerra civil, conflitos separatistas étnicos e religiosos,	Manutenção das situações de	Contracontrole/

	guerras patrocinadas pelo Governo, assassinatos, lutas	privilégio social/ Contracontrole/ Eliminação da fonte de estimulação aversiva	Eliminação da fonte de estimulação aversiva/ Sofrer punição por ser fonte de estimulação aversiva
INT14	Terrorismo, guerra de gangues, genocídio, guerra, ser coagido a agir contra a própria vontade	Manutenção das situações de privilégio social	Punição por ser fonte da estimulação aversiva
INT15	Abuso físico e sexual, negligência, agressão, maus tratos físicos e/ou emocionais, falta de cuidado, crueldade com animais/irmãos/colegas, luta, roubos	Eliminação/mitigação da estimulação aversiva	Punição por reunir propriedades aversivas e/ou reforçadoras ao agressor
INT16	Bullying, uso de armas, assaltos, homicídios, tiroteios, insubordinação, lutas, ameaças e ferimentos ocasionados por armas de fogo e de outros tipos	Eliminação/mitigação da estimulação aversiva/ Gratificação pelo uso da violência	Punição por ser fonte de estimulação aversiva
INT17	Abuso emocional e físico,	Manutenção do relacionamento abusivo	Punição por apresentação de estimulação aversiva para o agressor
INT18	Homicídio, encarceramento, rebeliões	Gerenciamento/eliminação da fonte de estimulação aversiva	Fuga do agressor que lhe tem como fonte de estimulação aversiva
INT19	Homicídio (doloso)/assassinato, furtos e roubos (de veículos e agências financeiras), chacina	Eliminação da estimulação aversiva/Gratificação pelo crime eficaz	Ser vítima de punição pela estimulação aversiva ao agressor
INT20	Homicídio, abuso físico e emocional	Eliminação da estimulação aversiva	Punição negativa por ser um agressor crônico da companheira
INT21	Tiroteios em escolas, "atos inusuais de violência"	Gratificação pela mediatização do ato	Ser vítima de um ato altamente reforçador
INT22	Estupros, abusos/agressões físicas	Manutenção da relação	Ser vítima do

		abusiva/Gratificação pelo ato violento em situação de privação sexual	agressor por reunir propriedades aversivas e/ou reforçadoras
INT23	Incidente físico, incidente de agressão física, "abuso"	Gratificação pelo uso de violência para manutenção da relação	Ser vítima de punição por apresentar estimulação aversiva para o agressor
INT24	Bullying, uso de armas, uso de armas de fogo	Eliminação da estimulação aversiva/Gratificação pelo bulinamento	Punição por ser fonte de estimulação aversiva
INT25	Massacre (genocida), homicídio, choques, entradas forçadas em covas, tiros/tiroteio, retiradas forçadas de casa	Obediência à hierarquia militar/científica	Ser alvo de punição por ter propriedades aversivas e reforçadoras ao agressor
INT26	Repressão política, guerra, genocídio, violência associada com tráfico de drogas e humanos, manutenção de pobreza	Manutenção de privilégios às expensas de populações marginalizadas	Ser vítima de desatenção e dessassistência social
INT27	Retirada dos pais biológicos, abandono, racismo, auto-mutilação, opressão política, invasão, colonização, "desculturação" forçada,	Adaptação às situações de violência que formataram sua ontogênese/ Culturação na cultura dominante	Punição crônica por fazer parte de um grupo étnico distinto
INT28	Estupro, penetração com objetos ou órgão sexual da vagina ou ânus ou vias orais sem consentimento	Gratificação sexual ao agressor pelos reforçadores positivos apresentados pela vítima	Punição por ser fonte de reforçadores positivos aos agressor
INT29	Choque elétrico, estimulação intra-cranial, castração, isolamento social, luta, mordedura, pinçar animais pelo rabo, socos, bicadas, golpes físicos, ratos ameaçavam uns aos outros	Aquisição de conhecimento	Ser alvo de esquemas comportamentos arranjados para descrever contingências
INT30	Agressão verbal, agressão física, discriminação, violência sexual	Eliminação/Mitigação da fonte de estimulação aversiva	Ser punido por reunir propriedades aversivas para o agressor

INT31	Choques elétricos, patadas, mordedura, castração, luta, ataque lateral, bicadas	Aquisição de conhecimento	Ser alvo de esquemas comportamentos arranjados para descrever contingências
INT32	Encarceramento, ascensão do capitalismo não-regulamentado, homicídio por armas de fogo,	Manutenção de privilégios às expensas de populações marginalizadas	Ser vítima de desatenção e dessassistência social
INT33	Bullying, intimidação, abuso econômico, isolamento, minimização, abuso emocional, negação, culpabilização, manipular o comportamentos dos filhos, submissão ao marido, uso de reforçadores positivos, manipulação verbal, monitoração, ocultização de informações sobre a vida familiar, manipulação de contextos amplos, destruição de bens, controle e apossamento de bens da mulher, "coação forçada", homicídio	Manutenção de uma relação abusiva pelos reforçadores positivos/aversividade da vítima	Punição por ser fonte de propriedades reforçadoras e aversivas ao agressor

Tipos de Autoclíticos

Empíricos Experimentais - 1	Descritivos	Qualificadores		Relacionais	Manipulativos
		Negação	Assertão		
EX1	Strength, increase, extreme, great, greater	-	-	-	Response, elicit
EX2	History, research, racial influences, aggression	-	-	-	Refer
EX3	Self-rated aggression, aggressive responding	-	-	-	Correlating
EX4	Aggressive responding, self-rated aggression	-	Positive	-	Correlations
EX5	Acts, sexual coercion, rape	-	-	-	Eliciting
EX6	Domestic, offenders/ perpetrators, increase/increasing, rate, minimum, percentage	-	-	-	Prosecution
EX7	Comportamientos, física, competencia, arrebatos, interacciones, dadas	-	-	-	-

EX8	High/highest, risk, forms, antisocial behavior, aggression, comorbidities, represents	-	-	-	Combination
------------	---	---	---	---	-------------

Tipos de Autoclíticos

Empíricos não-Experimentais - 2	Descritivos	Qualificadores		Relacionais	Manipulativos
		Negação	Asserção		
ENE1	Watching, TV shows, aggressive, more	-	-	-	Makes
ENE2	Political, Data, community, psychological health, sectarian, stress, mental health, , impact, short-lived, prolonged war, people's lives, full cessation, long-term, tide, effects, level, scant, perceptions, relatively, low impact, persistence, distanced, decreased, existence	-	-	-	Ends, understand, explained, convincingly, going out, denial, deleterious
ENE3	Turmas/gangues, adolescentes, vandalismo, organizam, rapidamente, expandem, pequenos furtos, pichação de muros, homicídios, armas de fogo	-	-	-	Podem, concretizar
ENE4	Urbana, no trânsito, jogo de força (ou poder), danos psicológicos e materiais	-	-	-	Sempre, novas, formas, diferença, geral, definida/definições, planejamento da prevenção
ENE5	Inter-parental, domestic, parental, male, offenders, use of a weapon, mothers or female caretakers,	-	-	Is, acceptable	Witnessing, incident, numerous, exposed,

	children, aggression, verbal, physical, family, community, physical abuse, high prevalence, homes, societal views				engaging, different forms, assessment, offense, perpetuation, related factors
ENE6	Domestic, perpetrators, high risk, minimal risk, clinical assessment, varying levels individual's potential, literature, documented, partners, groups, scored, court-ordered, investigations, most	-	-	-	Evaluations, potential, accused/ accusation, current, distorted, responses
ENE7	Intimate partner, family, intimate, dating, retaliatory, annual cost, individual, community, homelessness, broader effects, more harm, child abuse,	-	-	-	Devastating consequences, prosecution, normalizing, cycle, contributes, affects, propensity, incident, co-existent, report
ENE8	Conjugal, mulher, parceiros, ciúme, vítimas, ato, relação amorosa, sofreram, vítimas, produção analítico-comportamental, estratégias, intervenção, prevenção	Não	-	-	Relação, cometida, contra, definir/definição, fenômeno, fator causal, causa, praticada, situação/situações, existente, perpetrada
ENE9	Sexual, act/acts, experiences, many, forms/form, rape, lifetime prevalence, prevalence, public education, severe, jury trials, media coverage, disclosure to another, responses, victims,	-	-	-	Labeling/labeled, perceptions, experienced, reporting, describe, scope, depicted, influence, perceived, assigned labels, evaluate, given, certain elements, corrective information, definition of rape, recognize
ENE10	Ongoing sustained violence, cycle, violence turned inwards, innate, lives, stress, kids, way of life, children, source, abuse	-	-	-	Often, some, start, can't, whole life, brought up
ENE11	Mulher/mulheres, atos, âmbito doméstico/doméstica, qualquer pessoa, parceiro íntimo, etiologia, vítimas, ciúme, regras sociais/regras descritivas, topografia, briga, física, psicológica, intolerável/intolerância, formas, agressão humana, sociedade, novos modelos explicativos	-	-	Justificativa/justificam	Episódios, contra, sofrida, manutenção, cessação, define, cometida, ocorrência perpetrada, causa, ressalta-se, especificamente, relacionam, literatura, utilizam, objetivo,

ENE12	Regras/regras descritivas, mulher, âmbito familiar, agressores, parceiro íntimo, tipo, psicológica, sexual, física/modalidade física, doméstica, custos, longo prazo, criminalizam, análises funcionais, comunidade verbal ocidental, práticas, ciúme, caráter/natureza, aprendizagem/educação, homem, verbalmente, consumo do álcool, insultos ou humilhações, comportamentos, maior taxa/níveis mais altos/altos níveis de prevalência, baixa escolaridade, reações, variáveis, fator de risco,	-	-	-	instalação, padrões, perpetração Relacionadas, reversão, conceito, locus, primordial, relatos, perpetrada, episódio, causa, situações, fenômeno, sofre/sofrida, atribuição, concordância, tolerância, camuflada, motivações, denunciar, responsabilização, compreensível, papel, investiguem, controle/prevenção, relacionadas
--------------	---	---	---	---	---

Tipos de Autoclíticos

Aplicados - 3	Descritivos	Qualificadores		Relacionais	Manipulativos
		Negação	Asserção		
AP1	Behavior, foul language, longer periods of freedom, restraint, reinforcing activities, access	-	-	-	Free, increased
AP2	Urban, intense, national concern, areas of critical opportunity, chronic unemployment, urban subculture, effective education, training,	-	-	-	First, break, cycle
AP3	Doméstica, intrafamiliar, gênero, física, lar, conjugal, sexual, psicológica, verbalmente, mulher, delito, frequente, tipo de crime, vítima, pais/agressores, humanos, proporções epidêmicas, maior, causa, ferimentos, alto, risco/fatal, homem, pobre, baixa escolaridade, crianças, agredi-lo, crenças, clientes, palestra, legislação brasileira, transtorno, abuso sexual infantil, maus tratos/ negligência, pais, indivíduo portador de deficiência, autoridade policial, aumentava, problema, ocorre na rua/lar	-	-	Inaceitável/insustentável	Contra, nociva, especificamente, estima-se, assustadoramente, quanto corriqueira, caso, daninhas, repercussões, acarreta, efeitos/impacto/produz, expostas, intervenção, conclusão, resulta, respeito, perpetuam, fornecendo, prevenção, combate(r),

					conceito, questão, fenômeno, mapeamento, denunciada/denúncia, situação, cessar, histórico, frequência/intensidade, privilegiada, relação
AP4	Decrease base rates, general population, developmental approach, antisocial behavior, economically disadvantaged communities, drug trafficking	-	-	-	Prevention
AP5	-	-	-	-	-
AP6	Urbana, frustrações, acidente de trânsito, assalto, outros, tragédias, outras formas, lugares, maior ou menor grau, busca do poder, desestruturação humana, direito, felizes	-	-	-	Ligadas, está, todos, podendo, serem
AP7	Doméstica, intrafamiliar, vítimas, crianças/abrigadas, funcionários cuidadores danos ao desenvolvimento infantil, curto/longo prazo, repetida, algumas instituições, punição física, outras formas	-	-	-	Contra, reforçando, necessidade
AP8	Física, moral, questionário, ambiente favorável, escolas, vítima/agente, professoras/alunos/direção, ambiente escolar, sala de aula, atores, fatores/motivos, termo muito forte, comportamentos, desacato, falta de respeito, uso de palavrões/agressão verbal, possíveis razões, convívio, impunidade, comete, forma/tipos, reação, má compreensão, possíveis soluções, ações/atos, diminuir/diminuição, mostrar, modelo, contexto, pobreza, falta de recursos básicos	Não	-	Tem, que, agir	Ocorreu/ocorrência/ episódio/situação, evitar, promoção, respeito, descrevem, ocorre, identificam, presença/presente, afirmou, diretamente, existe, levam, pratica/praticada, definição, relação, apontaram, resolver, colocar, assunto, verificar, análise, entre, atribuíram, informações, consideram, probabilidade

Tipos de Autoclíticos					
Interpretativos - 3	Descritivos	Qualificadores		Relacionais	Manipulativos
		Negação	Asserção		
INT1	-	-	-	-	-
INT2	Family, sexual, televised, rape, offenses, depiction, aggression, reductions/ reducing, antisocial and violent behavior, adults/children, women, abused/observed domestic abuse, media	-	-	-	Prediction, associated
INT3	Dating, physical, intracouple, domestic, partner, emotional, minor/severe, homicides, calls, husbands, women's/man's, slightly higher, physical aggression/verbal aggression, intimidation, past year, states, courts, participants, discuss, marital therapy/marital research, field, many couples, seeking, decrease	Non	-	-	Used, reported, experienced, criminalize, present, all, established, possibility, research issues, include, detection, some
INT4	Future, domestic, promises, uncontrolled, magnitude, millions of women, batterer, family history, frequent interpersonal currency, year, absenteeism, domestic, general attitudes/beliefs, variables, achieve/goal, control device, her, legal sanctions, equally responsible, rooted in the interaction, ceased, longer/longest previous lapse, behavior analysts, more, treat, repeated cycles	-	-	Acceptable	Problem, against, each, directly, about, modeling, situation, clearly, changing, strengthening, regarding, towards, should, important, prevent
INT5	Most prevalent, poor, race, comprehensive plan, effective programs, much, schools, antisocial behavior	-	-	-	Among, regardless, prevent, any, around, occurs, able, consistently, other
INT6	Forms, acts/act, gang/street, young person, analytic purposes, reduction, core priority	-	-	-	Some, perpetrating, analytic purposes, may, be, specific, enough
INT7	Comportamento humano, relações entre homens,	Anti	-	-	Fenômeno, uso,

	homem, muito frequente, frequência, projeto de lei, individuo, consciência				olhar/olharemos/olharmos, aspecto, algo em si, discutir, analisando, perguntas, problema, amplitude, concebemos, entendemos, situação, explícita/diretamente, quatro chamadas, presença, pervasiva, indicador, efetivamente, parece, papel, desempenha, culpa, causas/inatas, atribuir, contemplativa, diante, naturalizada, controle, quando/como, tratar, justiça, chamamos, sinônimo de coerção
INT8	Atos, vítimas, criminosas/detentos do presídio, reação, vingança, mais, compreensão mais abrangente, conhecimento, variáveis	-	-	-	Fenômeno, exemplos, relatos, gerando/produzindo, produção, única, contra, banalização, referência, casos, depende, controlam, acerca, implicações
INT9	São Paulo, institucional, polícia, age, fuga, esquiva, contracontrole, contra-agressão, disseminação, membros do grupo, grandes centros, punindo/reforçando negativamente, índices de medição, índices crescentes manifestações/expressões/formas, mulher, estelionato, dados, momento histórico nacional, alta nos números, aumento nos números, privação, crescimento, aumento real, muito mais, mortes, movimento de paz, sentir diretamente, pessoas, aumento	Não	-	-	Analisar, fenômeno, representações, explicações, quando, resultados, entender, processo, refere, entre, fruto, fomentando, selecionadas, outras, explicar, teoricamente, obtidos, principalmente, causa, procedimento, relação, tratamento, chega, combate, acerca, algumas
INT10	Grande frequência, nós, sujeitos infra-humanos, laboratório, literatura, controle aversivo	-	-	-	Tema, sido, discutido, todos, estudo, gera, estudar, complexidade
INT11	Northern Ireland/United States, social, civil, growth, frequency, data, media reports, murder, discriminative stimuli, repeated exposure	-	-	-	Contrasted, some, comments, without, problems, solved, any situation
INT12	Countercontrolling behavior	-	-	-	-
INT13	Collective, inter-group, physical, reducing/eliminating, strategy/strategies, science,	Non, not, no	-	-	Explored, emerging, create/construct, functional, associated, also, without,

	meaningful reduction, apparent determinants, terrorism, other forms, real power, growing literature, all kinds, civil wars, respond, pattern of escalating, progressed, massive, acts, reverberating effects, nonviolent alternatives, aware, perpetrated, armies, troops/hired mercenaries, unarmed men/women/children, collective verbal commitment, enormous costs, investment, research, relatively successful outcomes, far less, reduce loss of life, consequences, overall levels, groups, history, deeply, contemporary cultures				almost, produce, strengthen, being, practice, involved, given, critical, initiation and maintenance, other, terrible, effective, reliance/relying, very
INT14	Collective, international terrorism, acts, decreases, increased potential costs, escalating patterns, Ivory Coast, worldwide, threatened, against themselves, Campaign, groups, personally perpetrate, responses, limiting, countercontrolling, reduce/reducing, spreads, increased deprivation, threat, any kind, less cost, functional equivalents, rigorous strategy	Non	-	-	Such, issue, during, following, dynamics, as, usually, participating, unlikely, reliably, functional, turn, begets, initiation/maintenance, option
INT15	Física, meio educacional, processo familiar, processos, atenção especial, parceiros, díade conjugal, vida familiar, vítimas, crianças/adultos	-	-	Válido, aceitável, como, é,	Admitem/uso, culmina, exemplos, entre, lugar comum, perspectiva/distorcida,
INT16	Acts, homicides, extreme, schools, relatively rare, assault, gang recruitment, weapon use, bullying	-	-	-	Although, remain, associated, factors
INT17	Same-sex/partner/intimate, family, mutual, domestic, behavioral conceptualization, risk, emotionally/physically harmed, level, increases, greatest, men/women, other forms, perpetrators/victims, researchers/practitioners, reduction, relationship, themselves, literature, non-behavioral theories, ending, variables, theories, specific behaviors, behaviorally based approach, fear, escalating	-	-	-	Expanding, future, prevention, initiation/initiate, after, perpetration, victimization, among, exist, case, eventually, free, blame, may, respond, dynamics, episodes, function, control, maintain/ maintenance, development, conceptualizing/ conceptualize, progress, towards, several potential advantages, associated, factors identified, relevant, might, invested,

INT18	Sentimentos/insegurança, atos, culpados, muitas vezes, assustadores, diminuída, mais	-	-	-	interest, understanding, identifying, key Episódios, geram, controle/controlar, ineficaz, tendência, solução, problema, combate, alternativas, eficazes, estratégias
INT19	Doméstica, fenômeno comportamental complexo, crescente, sociedade brasileira, concentração, jovens, vítimas, responsabilidade, aumento, contracontrole, país, autoras, banalização/uso generalizado, segundo efeito, generalização, feição, eventos aversivos, algum/tipo, indivíduos/impotentes, último efeito, comportamentos supersticiosos, controle coercitivo, grandes centros urbanos, índices, alta generalizada, sistemas de informação, atendimento psicológico, cidadão comum, consciência	Não	-	-	Conceitos, fenômeno, particular, combate, fim, explicada, definições, poderia, ser/vista, sinônimo/coerção, análise/analizando/analisa/analizando, discussão/discutem, tema, pareados, passado, produção/produto, diante, uso, gerador, alterações, oficiais/registrado, Ela, procedimento, relação, amplos, precisos, aborda, casos área, pesquisa, desenvolvimento, falta, base, própria, combater, efetivamente, causa
INT20	Temporally, extended, cycles, battered women, partners, history, couple	-	-	-	Addresses, impact
INT21	Acts, shootings in schools, others, imitate, publicity, obtain	-	-	-	Unusual, predicted, would, try, against, perpetuate, condone, sanction
INT22	Doméstica, sexual, emocional, maioria, vítimas, mulher, depressão, parceiro íntimo, estudo, mais, excessivamente aversivo, excessiva, fuga/esquiva, gravidez, contexto de punição	-	-	-	Contextos, sofrem/sofrer, frequentemente, possibilidade, ocorrência, durante, potencializa, efeitos, analisou-se
INT23	Domestic, intimate partner, situational couple, intimate terrorism, physical, interpersonal, research increases, relationships, severe/severity, repeated, cycle, additional, removal, immediate, threat, more aversive, agencies, abuse, reinforcer, "milder" forms, response cost, quite high, witnesses, victims, abuser, shelters, safety planning, scalate	-	-	-	Apply, specifically, dynamics, persuaded, stay, toward, versus, proposed, differs, theory, impending, potentially, might, calls, role, relates, leaving, provided
INT24	Firearm, gun, US, very high, society, few, laws, reduce, very inexact science, prevention programs, long run, risk, operanda	-	-	-	Toward, study, overall, related, actual, prediction, remains

INT25	–	–	–	–	–
INT26	Collective, political repression, war, genocide, drug, human/weapons trafficking, structural, economy	–	–	–	Including, associated, patterns, integral, narrowly/defined, some, cases
INT27	Domestic, cycle, repeated, turned inwards, experiences, relationships, Aboriginal people/Ethiopian community's, self-damaging, behaviors, engage, anger, stress	–	–	–	Doomed, own, including, potentially, justifies, consistent, sources
INT28	Sexual, perpetrator	–	–	–	Ambiguity, related, implications
INT29	–	–	–	–	–
INT30	Homofóbica, psicológica, discriminação, física, ato, formas, tipos, homossexuais, homens/mulheres, vítimas, políticas públicas, mais, um terço, país, entidade ontológica, todo, literatura, agressão, verbal, comportamento, controle aversivo, números, denúncias, frequente	Não	–	–	Combate, prevenção, contenção, caracterização, causas, caso, outros, definido, episódio, dependendo, intensidade, sofrida, contra, considerar, qualquer, relacionado, visibilidade, relativas, refletindo
INT31	Fenômenos comportamentais, agressão	–	–	–	Relevantes, socialmente, fundamentais, elemento básico, problemas, sociais, temática, considerando, importantes, problema
INT32	Structural, street, interpersonal, extreme forms, levels, nationally, declining, interurban centers, social disruptions, severe, enormous costs, youth, environmental destruction/disruption, behavioral systems science, live/die	–	–	–	Currently, concentrated, definition, describes, outcome, result, involved, resists, forced,
INT33	Domestic, physical, gendered, many, concrete/behaviors, most, societies, world, severe, murder, close relationships, forms, law, economic/race contexts, callouts, women, men, killed, observations, grand vision, strategies, reduce, model, avoid, woman's resources, more amenable, social interaction, aversive/escape, potent, functional contingencies, pain, gradually/evolve, perpetrator, action	Not	–	–	Occurring/occurs, situations, found, analyse/analysis, must, involve, around, other, new, broader, actually, only, enough, known, even, direct, beyond, only, all, commonly observed, initiative, correct, seemed, relevant, any, used, through, use/threat, open, since, always, needing, available, dealing, without, perpetuate, examples, against, specially, solution, support, changing, root, directly, part

